

CÁSSIO FERREIRA DIAS

**AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE SANTA SÉ E GOVERNO
REVOLUCIONÁRIO DE CUBA (1959-2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Carletti

Santana do Livramento

2015

CÁSSIO FERREIRA DIAS

**AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE SANTA SÉ E GOVERNO
REVOLUCIONÁRIO DE CUBA (1959-2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais pela
Universidade Federal do Pampa -
UNIPAMPA.

Projeto de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Anna Carletti (Orientadora)
Relações Internacionais – UNIPAMPA

Prof. Dr Fábio Régio Bento (Membro da Banca)
Relações Internacionais – UNIPAMPA

Prof. Msc. Rafael Balardim (Membro da Banca)
Relações Internacionais – UNIPAMPA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por todo amor e compreensão, fazendo com que eu me renove a cada dia na busca dos meus sonhos.

Agradeço a minha orientadora, Professora Anna Carletti, pelo seu grande apoio foi possível a realização desse trabalho.

Agradeço aos meus amigos que fiz na faculdade e que se tornaram minha família, a presença diária de todos eles me proporcionou dias inesquecíveis e fez com que os anos de faculdade se tornassem um dos melhores da minha vida.

Por fim agradeço a UNIPAMPA que me permitiu realizar o sonho de me formar em Relações Internacionais.

“Sobre os mesmos pilares em que se apoia hoje o sacrifício de um revolucionário, se apoiou ontem o sacrifício de um mártir por sua fé religiosa”.

Fidel Castro

RESUMO

O êxito da Revolução Cubana inaugurou uma nova fase nas relações diplomáticas com a Santa Sé. As relações diplomáticas foram mantidas, entretanto houve grande trabalho por parte do Vaticano para manter viva a Igreja Católica cubana que se negava aceitar a nova realidade cubana. Com o fim da Guerra Fria Santa Sé e Cuba passam por um fortalecimento nas relações diplomáticas que é marcada pela Visita de Fidel Castro ao Vaticano em 1996 e posteriormente pela visita de João Paulo II a Cuba em 1998. A Santa Sé passou a ser um grande parceiro para Cuba na luta contra o embargo econômico dos Estados Unidos. A partir da década de 2000, a diplomacia pontifícia passou a trabalhar mais ativamente na libertação de presos políticos cubanos. Com Bento XVI e Raúl Castro o fortalecimento das relações entre Santa Sé e Cuba continuou se desenvolvendo. Fato que culminou na segunda visita de um Papa a Cuba em 2012.

Palavras-chave: Santa Sé, Cuba, Relações diplomáticas, Revolução Cubana.

ABSTRACT

The success of the Cuban Revolution inaugurated a new period in the diplomatic relations with the Holy See. The diplomatic relations were maintained, but there was a great effort by the Vatican to keep alive the Cuban Catholic Church that refused to accept the new Cuban reality. With the end of the Cold War, Holy See and Cuba strengthen the diplomatic relations that is marked Fidel Castro's visit to Vatican in 1996 and by John Paul's visit to Cuba in 1998. The Holy See has become a great partner of Cuba in the fight against the economic embargo of the United States. From the 2000's the pontifical diplomacy works harder actively in the release of political prisoners. With Benedict XVI and Raúl Castro the strengthening of relations between the Holy See and Cuba continued developing. Fact that led to the second visit of a Pope to Cuba in 2012.

Keywords: Holy See, Cuba, Diplomatic Relations, Cuban Revolution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 DIPLOMACIA PONTIFÍCIA	19
2 REVOLUÇÃO CUBANA	25
3 SANTA SÉ FRENTE A REVOLUÇÃO CUBANA	30
3.1 Igreja local frente à Revolução Cubana	34
4 AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE CUBA E SANTA SÉ: DOS PRIMEIROS ANOS DA REVOLUÇÃO CUBANA A 2012	41
4.1 Pós Guerra Fria: Desafios e reordenamento diplomático.....	49
4.2 Bento XVI e Cuba	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
6 REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como proposta de pesquisa analisar as relações diplomáticas entre Santa Sé e Cuba. Através da pesquisa busca-se entender a trajetória histórica e política das relações diplomáticas entre esses dois Estados, de forma a evidenciar os principais fatores que permitiram a manutenção dessas relações que em muitos momentos apresentaram impasses, sobretudo, de tipo ideológico.

No final do século XIX, com a publicação da encíclica *Rerum Novarum* por Leão XIII, a Igreja se posiciona em relação a crescente mudança que tomava conta da sociedade ocidental por causa do grande crescimento do capitalismo e da Indústria. Isso consequentemente colocava a religião em um papel marginal no novo sistema social que se construía. Mas além de criticar aquela sociedade capitalista o Papa Leão XIII rejeitava a doutrina socialista e suas propostas de mudanças sociais. De acordo com Carletti (2012, p.91) “A posição de firme recusa das teorias socialistas e comunistas de Leão XIII e dos seus sucessores teve profunda influência sobre as direções que a política externa do papado tomou nos anos sucessivos”.

No começo do século XX governos de cunho socialistas chegam ao poder. O primeiro, e o mais relevante deles foi resultado da revolução bolchevique que liderada pela Rússia, culminou na criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A partir de então, o século XX vivenciou a ascensão de regimes socialistas como na China, Coréia do Norte e Cuba. A Santa Sé teve que encontrar novas estratégias para manter suas relações com os Estados socialistas.

Nosso trabalho visa entender a trajetória histórica e política das relações entre Santa Sé e Cuba. Até 1959 pode-se dizer que a diplomacia entre os dois Estados não enfrentou grandes desafios. Santa Sé e Cuba oficializaram suas relações diplomáticas no dia 7 de junho de 1935. De fato, antes da Revolução cubana, a Igreja Católica em Cuba desfrutava de grande liberdade em suas ações, além de ser proprietária de grande parte do ensino daquele país.

O governo de Fulgêncio Batista, último antes da Revolução Cubana, com o tempo foi se deteriorando cada vez mais, perdendo sua legitimidade. Batista não conseguiu conter as forças revolucionárias sob a liderança de Fidel Castro, então fugiu de Cuba em 31 de Dezembro de 1958. Dessa forma, Fidel Castro junto com seus aliados dão início a Revolução Cubana iniciada em 1959.

Em um primeiro momento a Igreja Católica local apoiou Castro e seus seguidores saudando o novo governo. Entretanto não demorou muito para que a relação entre as partes se deteriorasse. O ponto de inflexão foi quando Fidel Castro declarou a Revolução de caráter socialista. Empresas e educação foram nacionalizadas, esse ponto atingiu diretamente a Igreja que era proprietária de várias escolas no país. Para Fidel Castro, a Igreja estava a serviço da burguesia e o grande número de sacerdotes estrangeiros também lhe causava desconfiança. Com isso grande parte do clero local foi expulso de Cuba.

Nesse período o chefe da Igreja Católica era o Papa João XXIII, que ao contrário de seu antecessor Pio XII, que mantinha uma forte política anticomunista, começara adotar uma política de abertura e diálogo com o comunismo. Havia grande pressão sobre João XXIII para que excomungasse Fidel Castro e cortasse as relações diplomáticas com Cuba, entretanto o Papa não cedeu às pressões dos grupos mais conservadores da Igreja. “Contra toda a expectativa, que já dava por descontado o alinhamento da Santa Sé com os grupos conservadores, João XXIII recusou-se a romper as relações diplomáticas com Cuba e não condenar a Revolução Cubana” (CARLETTI, 2012, p.130).

A Igreja Católica em Cuba passa então por um longo período difícil em que se manteve com pouquíssimos sacerdotes. A partir de década de 1980 começa uma reação da Igreja para poder se reenquadrar na nova realidade. Na década de 1990 há uma maior aproximação com o governo e acontecimentos como a visita de Fidel a João Paulo II e do mesmo a Cuba no fim da década. Tais visitas fizeram a década de 1990 ser o marco do estreitamento das relações diplomáticas entre Santa Sé e Cuba que mesmo não tendo sido rompidas passou grande período de marasmo. Já sob o governo de Raul Castro acontece outra visita de um Papa ao país, dessa vez Bento XVI.

Dessa forma, esse trabalho pretende estudar as relações da Santa Sé com o Governo Revolucionário de Cuba de 1959 a 2012, buscando entender a atuação da Santa Sé em Cuba através da análise das relações diplomáticas entre os dois governos.

Nossa pesquisa busca responder a seguinte pergunta: Apesar da deterioração das relações entre Igreja Católica e governo de Cuba ocorrida após 1959, quais são os principais fatores que permitiram a manutenção das relações entre Santa Sé e Cuba nas décadas seguintes? Tal problemática surge da observação histórica que tal manutenção resultou impossível em outros Estados de regime socialista como a URSS, a China e outros países do leste europeu.

Em nosso trabalho procuraremos verificar a hipótese que, apesar das grandes divergências entre Estado e Igreja local, tanto o Governo Revolucionário de Cuba quanto a Santa Sé percebiam a importância da manutenção das relações diplomáticas. Cuba por se encontrar isolada no ocidente com agravamento da situação pelo embargo imposto pelos Estados Unidos a partir de 1962, já a Santa Sé desejava manter viva a Igreja em Cuba e também evitar um possível cisão entre Igreja local e Vaticano.

Ao tratar da diplomacia pontifícia, esse trabalho trará grande contribuição para desmistificar os mistérios que pairam sobre a Santa Sé, pois mesmo sendo considerada a mais antiga das diplomacias, o seu funcionamento se mostra alheio ao conhecimento das pessoas. “Muito pouco se conhece de sua dinâmica internacional e muitas vezes esse desconhecimento alimenta as fantasias de quem imagina o Vaticano como centro de misteriosos e perigosos complôs internacionais”. (CARLETTI, 2012, p.41). Além disso, se busca contribuir a reforçar a literatura sobre a Santa Sé que se mostra limitada nas bibliografias que tratam de grandes atores internacionais. A Santa Sé mesmo sendo um ator *sui generis* desempenha grande influência no cenário internacional. A atuação da diplomacia pontifícia apresenta influência para além do mundo católico, por isso a importância de se conhecer a dinâmica da Santa Sé.

Consideramos relevante nosso trabalho por tratar de um caso complexo da diplomacia pontifícia com regimes socialistas, que é sua relação com um dos regimes socialistas, ainda atuantes no cenário internacional, como é o caso de Cuba. No que diz respeito a Ilha cubana tais relações diplomáticas mostram peculiaridades em relação a outros regimes socialistas como o fato de as relações diplomáticas nunca terem sido rompidas com a Sé romana e por Cuba ter recebido a visita de dois Papas.

Outra importante contribuição desse trabalho é mostrar como Fidel Castro, marxista-leninista, lidava com a religião. Fidel Castro não compartilhava a ideia de que a religião em si poderia ser considerada o “ópio” da sociedade, mas que ela se tornava prejudicial da forma como era usada como forma de dominação pela alta burguesia. Fidel afirmou que a Revolução

Cubana não continha sentimentos anti-religiosos¹. Fidel Castro considera Cristo como um grande revolucionário e também acredita que seus ensinamentos se aproximam do socialismo². Esse trabalho trará então a explicação das causas do conflito entre Igreja cubana e governo revolucionário e como a Santa Sé conseguiu renovar a Igreja cubana.

Como objetivo geral desse trabalho, busca-se analisar como se desenvolveram as relações entre Santa Sé e o Governo Revolucionário de Cuba de 1959 a 2012, quando ocorre a visita de Bento XVI a Cuba. No que concerne aos objetivos específicos, ter-se-á:

- Analisar a posição da Santa Sé frente à Revolução Cubana
- Analisar a reaproximação entre Santa Sé e Cuba a partir da década de 1990
- Identificar o porquê do Governo Revolucionário de Cuba ter mantido relações diplomáticas com a Santa Sé.

Após apresentar o recorte temporal desse trabalho, juntamente com o problema de pesquisa, hipótese e objetivos, é necessário trazer os significados de alguns conceitos para a melhor compreensão desse trabalho.

A Santa Sé é o sujeito de Direito internacional que mantém relações diplomáticas com os Estados. Entretanto é comum se ouvir falar que tal país mantém relações diplomáticas com o Vaticano, sendo que esse último e Santa Sé não são sinônimos e sim diferentes peças que formam uma complexa instituição que é a Igreja Católica.

Dentro destas designações ainda se usa o termo Igreja Católica como sinônimo de Santa Sé e Vaticano, mas a verdade é que não pretende dizer a mesma coisa. A Igreja Católica é personificada pela Santa Sé, sendo a Santa Sé o órgão supremo de onde saem todas as decisões e pontos importantes relativos à Igreja católica espalhada pelo mundo. Ou seja, a Igreja Católica, a Santa Sé e o Vaticano são três designações distintas. (TOMÉ, 2013, p. 16)

O Estado da Cidade do Vaticano é considerado o menor do mundo com 44 hectares e está localizado dentro da cidade de Roma. Segundo Carletti (2012, p.29) “Apesar de suas pequenas dimensões, o Vaticano apresente os três requisitos necessários para ser classificado como Estado: território, população e governo soberano”. O Vaticano teve sua fundação como Estado soberano no ano de 1929 com a celebração dos Tratados de Latrão.

¹ BETTO, Frei. Fidel e a Religião, p.17. 1985. Editora Brasiliense.

² Ibidem.

No ano de 1929, precisamente em 11 de fevereiro, a Santa Sé, representado pelo Secretário de Estado do Papa Pio XI, o Cardeal Pietro Gasparri, e o governo fascista italiano, na pessoa de Mussolini, assinavam os famosos tratados de Latrão, que davam vida a um novo Estado, o menos Estado independente do mundo. Contudo, seu tamanho não devia refletir sua influência internacional. (CARLETTI, 2012, p.29)

Atendo-se doravante a Santa Sé, o que é preciso frisar em primeiro lugar como já dito anteriormente que é ela que se relaciona diplomaticamente com os outros Estados. Sobre a diferença entre aquela e o Vaticano

Muitas vezes, falando ou escrevendo sobre a Santa Sé, substitui-se seu nome com o do Vaticano como se os dois fossem a mesma coisa e como se os dois operassem no mesmo nível no âmbito internacional. Contudo, os dois têm papéis diferentes seja em nível político ou religioso. O Vaticano representa de certa forma, o pano de fundo da atividade da Santa Sé, dotada essa de uma soberania reconhecida internacionalmente antes mesmo da constituição do Estado da Cidade do Vaticano em 1929. A Santa Sé era reconhecida como sujeito internacional desde a época da formação dos primeiros Estados absolutistas até a consolidação de uma comunidade internacional, após a Paz de Westfália, em 1648. (CARLETTI, 2012, p.37)

Não obstante a diplomacia da Santa Sé é considerada como a mais antiga do mundo, porém os seus objetivos são distintos dos demais Estados. De acordo com Carletti (2012, p.16) “O que difere é o conteúdo de tais relações, enquanto as questões tratadas na diplomacia vaticana geralmente dizem respeito à atividade da Santa Sé no mundo e à presença da Igreja Católica nos diversos países”. Entretanto não se deve pensar que a Santa Sé se limita a uma atuação estritamente religiosa.

Aos olhos das Relações Internacionais, não se poderá olhar a Santa Sé como um simples “instrumento” religioso. A Santa Sé é um dos intervenientes mais antigos do cenário internacional, um dos que mais interesse desperta. A sua teia de ligações e o seu legado à Europa e ao Mundo ultrapassam a esfera religiosa, abrangendo a política, a sociedade, a cultura e, sobretudo, limitando o Homem de acordo com os desígnios do Evangelho, desígnios esses que a “Santa Madre Igreja” delineou como a vontade divina. (TOMÉ, 2013, p. 07)

Dessa forma, percebe-se o Estado da Cidade do Vaticano como algo subordinado a Santa Sé e que propicia a mesma a agir livremente no cenário internacional. Tomé denomina o Vaticano como um “Estado suporte”, além disso, a autora frisa que mesmo com todas as suas peculiaridades desde a sua criação até o seu funcionamento, o Vaticano possui constituição própria como qualquer outro Estado.

Os tratados de Latrão dotaram a Santa Sé de um apoio territorial suficiente para garantir sua autonomia internacional. Graças a essa autonomia, o papa livre da

influência de qualquer outro Estado, pode exercer suas funções de Chefe da Igreja Católica, organização que reúne mais de um bilhão de católicos espalhados pelo mundo. (CARLETTI, 2012, p.37)

Para poder atuar de forma eficaz e organizada em todas as suas esferas a Igreja Católica conta com o apoio da Cúria Romana que é um conjunto de escritórios que se subdividem em áreas diversas para auxiliar o chefe da Igreja, o Papa, na administração. A Cúria Romana está estruturada em Secretaria de Estado, Congregações, Tribunais, Conselhos pontifícios, Guardas Suíços, Comissões pontifícias, Academias pontifícias e Comitês Pontifícios. De acordo com Tomé (2013, p.17) a Cúria Romana é “órgão magistral através do qual a “máquina” vaticanista funciona”.

Deslocando a abordagem a Ilha Cubana, é importante entender a conjuntura internacional da época quando houve em Cuba a ruptura de um sistema para outro. A Revolução Cubana teve início no ano de 1959 em um sistema bipolar liderado por Estados Unidos e União Soviética. O embate entre capitalismo e socialismo se mostrava nos esforços das duas potências na manutenção e expansão de suas respectivas zonas de influências, em uma rivalidade em que as duas grandes potências não se enfrentavam diretamente, período da chamada Guerra Fria.

Ao tratar de revolução deve-se ter em mente certas noções para que não confunda com outras ocorrências que a primeira vista são semelhantes. Para Arendt (1988, p.17) “as revoluções, embora possamos ser tentados a defini-las, não são meras mudanças”. Revolução é algo que leva a ruptura de um sistema. Os movimentos revolucionários nascem da insatisfação com a ordem vigente. “O meio social mais favorável ao desenvolvimento dos movimentos sociais revolucionários é o de governos autoritários, que bloqueiam os desejos de reforma, concentrando o descontentamento social” (LAKATOS, MARCONI, 2010, p.312). Os três grandes tipos de revolução são a social, econômica e política. A questão ideológica trabalha como um elemento propulsor nos movimentos revolucionários.

A Revolução é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera socioeconômica. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO. 2010, p. 1121)

Ao referir-se a revolução e seu respectivo significado é preciso muito cuidado ao classificar algo como revolucionário. Para Bonavides (2009, p.433) o termo merece um

estudo cauteloso “não somente pela importância de que se reveste senão em virtude dos abusos a que vem sendo exposto e da anarquia observada ao redor desse conceito”. Revolução é algo de grande abrangência, não algo isolado. “São ainda mais relevantes para o problema da revolução, posto que as revoluções são os únicos eventos políticos que nos confrontam, direta e inevitavelmente, com o problema do começo” (ARENDR, 1988, p.17).

A revolução pelo pensamento marxista é tida como necessariamente violenta, já que a força é a única maneira para tomar o poder. Segundo Marx (2013, p.46) “Os revolucionários não hão de escolher as suas armas como tampouco o dia da revolução. Nesse ponto, só terão que se preocupar com uma coisa: a eficácia de suas armas”. O movimento revolucionário também por ser um acontecimento de grande abrangência.

Como uma revolução social não é um fenômeno espontâneo nem local, não podemos declarar-nos partidários dos movimentos parciais devidos à iniciativa de individualidades, de grupos, nem de cidades, pois semelhantes movimentos diminuem as filas dos revolucionários sem nenhuma compensação. (MARX, 2013, p.45-46)

No que tange a distinção de revolução com outros movimentos, muitas vezes seu significado pode ser confundido com rebelião ou golpe de Estado. Em relação a rebelião o que diferencia da revolução é a ausência de um fator ideológico que sirva de combustível para manter vivo algo que se reivindica. Além disso, a rebelião geralmente ocorre em locais limitados. Para Marx a reforma é somente um meio paliativo e que com o tempo só faz aumentar os anseios de uma revolução.

Conceder reformas equivale a proporcionar-nos armas, a tornar-nos mais fortes contra os nossos adversários, os quais se debilitam à medida que nos fortalecemos. O apetite abre-se comendo. Quando mais se obtém, mais se exige; assim, as reformas efetuadas, em vez de conter o movimento revolucionário, excitarão à luta, tornando ao mesmo tempo, essas reformas, os homens mais aptos para lutar. (MARX, 2013, p.44)

Em relação ao golpe de Estado o que primeiro pode-se distinguir de uma revolução é o número de participantes. São poucos os participantes de um golpe de Estado e que sabem do seu andamento. Já a revolução é tem sua força no grande número de adesão e na sua propagação entre as pessoas.

A distinção entre revolução e golpe de Estado adapta-se muito bem à oposição, tão frequente na linguagem comum e ao mesmo tempo tão incisiva entre “praça” e “palácio”, que permite acrescentar à dimensão temporal também a dimensão

espacial: a revolução é feita na praça; o golpe de Estado, dentro do palácio. (BOBBIO, 2000, p.606)

Depois de abordar as distinções entre Santa Sé e Vaticano, Revolução, rebelião e golpe de Estado, passa-se agora para o significado de socialismo. Busca-se assim entender através de um recorte histórico quais as principais características socialistas e como funciona esse sistema que foi implantado em Cuba pelos revolucionários liderados por Fidel Castro no ano de 1961.

A história do pensamento socialista surge com os pensadores utopistas. Um dos primeiros que se pode citar é Thomas More (1478-1535) que já pregava o que viria a ser no futuro os pilares do socialismo. More dizia que a sociedade humana só alcançaria a felicidade a partir do momento em que se extinguisse a propriedade privada e a riqueza nas mãos de poucos.

A partir então do século XVIII a Europa se vê em uma grande transformação social em que são extintos de vez aquela velha ordem do Estado absolutista. Nesse momento a burguesia sobe ao poder. Vários acontecimentos marcam essa transformação social como as Revoluções francesa e industrial. Nesse contexto surge a ideia do Estado liberal democrático sendo propagada pela potência hegemônica da época, Inglaterra. Com a revolução industrial a dinâmica social se muda por completo, com um grande êxodo rural da população. As cidades passam a ficar superlotadas e sem condições sanitárias para atender o grande número de habitantes. Os trabalhadores passam por extrema exploração com carga horária exaustiva. Esses trabalhadores formam a nova classe social do proletariado.

Quando a crise social, que em fins do século XVIII estalou com a Revolução Industrial, se fez assombrosamente aguda, o momento se mostrou adequado e favorável à aparição de novos utopistas. São estes precisamente os pais daquilo que se chama socialismo utópico. (BONAVIDES. 2012, p. 174)

Os socialistas utópicos começam então a expor suas ideias como reação a uma sociedade que se mostrava cada vez mais desigual. Alguns dos principais pensadores utopistas foram: Henri Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier, Louis Blanc (1811-1882) e Francisco Emilio Babeuf (1760-1797). Esses pensadores que criticam a sociedade capitalista, mostrando suas deficiências e injustiças, passam então a imaginar como seria uma sociedade ideal e perfeita, daí por serem chamados de utópicos.

O que encantarà o rico no Estado socialista será ele poder ter plena confiança em todos a sua volta, esquecendo-se de todos os truques que é obrigado a praticar nas

relações civilizadas, sem poder evitar um engano. Na Falange um rico que abandona a confiança cega não terá jamais o que temer³ (FOURIER, 2006, p. 41, tradução nossa)

Surge então o socialismo científico que traz de forma mais racional instruções de como se alcançar uma sociedade igualitária. Os principais pensadores são Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Ilitch Lenin. Marx e Engels fazem uma análise histórica da sociedade e também das forças internas dessa sociedade.

Para que uma teoria seja aplicável, por legítima que pareça, é preciso que seu fundamento se encontre nos fatos antes que no cérebro. Assim os primeiros socialistas teóricos não puderam tirar o Socialismo do domínio da utopia, em uma época em que ainda não existiam as condições econômicas que permitem que se imponha a sua realização. (MARX, 2013, p.18)

Marx e Engels no manifesto do partido comunista mostram que a sociedade capitalista está fadada a extinção e que cederá lugar a uma nova, em que não haverá exploração de nenhuma natureza. Além disso, os autores mostram no livro que as sociedades ao longo de sua existência foram marcadas pela luta de classes. De acordo com Marx (2013, p.26) “A guerra das classes criadas pelas relações econômicas das diversas épocas é a que domina todo o movimento histórico e explica as diferentes fases da civilização”. Segundo a teoria marxista o Estado é um instrumento de poder das classes mais favorecidas e é usado como forma de oprimir o proletariado.

Com toda a opressão que a classe operária sofre por parte da burguesia, em um momento essa camada da população terá que travar uma luta contra a opressão burguesa. Para Marx (2013, p.43) “A experiência da história demonstra-nos que uma classe não abdica; uma casta proprietária não se desapossa espontaneamente”. Além disso, Marx e Engels concluem que a classe operária tem como missão a libertação da humanidade. A luta do proletariado contra a burguesia tem suas peculiaridades em cada país, isso para Marx é explicado por causa dos diferentes tipos de governo. A ascensão da classe operária ao poder foi chamado por Marx como “Ditadura do proletariado”.

A classe operária deve apoderar-se do governo pela força, que em suas mãos será o instrumento com que se levará a cabo a expropriação econômica da burguesia e a apropriação coletiva dos meios de produção. A primeira coisa que se deve fazer é despojar a burguesia do governo. (MARX, 2013, p. 45)

³ Lo que encantará al rico en el estado socialista será el poder conceder plena confianza a todos los que Le rodeen, olvidando todas las argücias que está obligado a practicar en las relaciones civilizadas, sin poder evitar el engaño. En la Falange, un rico, abandonándose a una confianza ciega, no tendrá jamás lazo alguno que temer.

Depois que a revolução proletária lograsse o controle político então se passa para um período de transformação onde toda a propriedade privada é desapropriada. “Do que precede, resulta que o socialismo quer a igualdade ante os meios de desenvolvimento e de ação, isto é, igualdade do ponto de partida” (MARX, 2013, p.29). Os meios de produção passam a ser socializados com um desenvolvimento econômico planejado. Essa é a fase socialista que alguns pensadores chamam de o período de transição para o comunismo.

Nesta fase é eliminada toda a propriedade privada bem como os meios de produção privados, que passam para a mão do povo. Assim, os próprios produtores passam a possuir coletivamente os meios de produção que utilizam, impossibilitando assim que esses meios produtivos possam servir como instrumento de exploração, e fazendo surgir uma relação de cooperação e assistência mútua entre os trabalhadores. (MINAYEV. 1967, p.84)

Na sociedade socialista é extinta toda desigualdade de classes, todas as pessoas possuem direitos iguais. “O socialismo quer a liberdade do homem” (MARX, 2013, p.30). O trabalho é uma obrigação de todos os cidadãos. Quando então a fase socialista estiver concluída, a sociedade estará pronta para entrar na fase final, o comunismo, onde o Estado não mais se fará necessário.

Como a sociedade comunista se tornará uma sociedade altamente organizada e harmoniosa de trabalhadores, com elevado padrão de produção, de ciência, de tecnologia, onde reinará a livre cooperação entre os membros, se tornará desnecessária permanência de um “Estado”, e este acabará desaparecendo e dando lugar para um governo da própria população, ou seja, passará a existir um governo onde toda a coletividade se fará parte. (MINAYEV. 1967, p.113)

Para a construção desse trabalho foram utilizadas fontes históricas com o objetivo de se formar uma base para uma postura crítica em relação ao objeto de estudo. A pesquisa em livros e artigos propiciou tal base. Outro recurso utilizado foi a análise de discursos dos chefes de Estado tanto do Vaticano quanto de Cuba. Tais discursos analisados foram de diferentes épocas como forma de identificar a condução de suas respectivas políticas externas. Por fim, para a complementação desse trabalho, foram utilizadas várias notícias publicadas em jornais e revistas sobre as relações entre Santa Sé e Cuba.

Depois de apresentado esse conteúdo é perceptível como o sistema internacional vem se mostrando cada vez mais complexo pelos acontecimentos dos últimos dois séculos. Dessa forma as relações diplomáticas bilaterais necessitam de uma grande hermenêutica de ambas as

partes para que se possam lograr benefícios com a manutenção do arranjo diplomático. O século XX marcou esse dinâmico e complexo reordenamento do cenário internacional com grandes revoluções eclodindo com governos socialistas como na Rússia, China, Vietnã e Cuba. Houve também a readequação da Santa Sé para com essa nova realidade com o Concílio Vaticano II. Santa Sé e Cuba mostram o quão complexa se tornaram essas relações, mas para de fato entendê-las é preciso saber quem são de fato esses sujeitos de direito internacional e por quais processos de mudanças, sejam eles revolucionários ou reformistas, passaram.

1- DIPLOMACIA PONTIFÍCIA

Esse trabalho tem como objetivo abordar as relações diplomáticas entre a Santa Sé e o governo revolucionário de Cuba. Mas para tal entendimento, é necessário mostrar a singularidade da Santa Sé, um ator internacional que existe desde muito antes da formação dos Estados nacionais modernos e que vem se adequando dentro do possível de seus princípios basilares à realidade contemporânea.

A Santa Sé possui um caráter *sui generis*, mas isso não diminui a sua importância na história das relações internacionais. Tal afirmativa pode ser comprovada pela atuação da diplomacia pontifícia que ao longo dos tempos vem mostrando grande peso nos assuntos-chaves de ordem internacional. Dessa forma esse capítulo se propõe a explicar de forma sucinta do que se trata e como atua a que é considerada a mais antiga das diplomacias, a Santa Sé.

Há grande altivez da Santa Sé nos assuntos políticos, porém dentro da literatura de Relações Internacionais se fala muito pouco desse sujeito internacional. Houve e ainda há um grande questionamento do papel da Santa Sé nas relações internacionais. Isso em grande parte é explicado por ela estar à frente de um Estado que mesmo representando os elementos constitutivos a um Estado (território, população e governo) nada se assemelha aos restantes dos Estados. Sua existência é ligada especialmente ao fator religioso, sendo o Papa o chefe dos católicos do mundo. Seus interesses nacionais não se focam tanto no crescimento econômico quanto no aumento de sua influência religiosa. Consequentemente suas conotações políticas passam as vezes despercebidas e sua atuação fica desconhecida para maioria das pessoas, inclusive católicos. A este propósito é conhecida a anedota do questionamento de Stalin no final da Segunda Guerra quando perguntou quantos tanques o Papa tinha. Mesmo com toda essa dubiedade a importância da Santa Sé nas relações internacionais é inegável, sua influência remonta a Europa medieval e continua até hoje. A Santa Sé possui princípios teológicos que são imutáveis e que lhe acompanham desde tempos antigos, entretanto a Santa Sé nunca ignorou as mudanças ocorridas na sociedade e vem se adequando desde o Concílio de Trento (1545), passando pelo Concílio Vaticano I (1869) e Concílio Vaticano II (1959), mas sempre baseada em seus princípios teológicos. Partindo de uma perspectiva construtivista

Barbato (2012, p.02, tradução nossa) diz “Os princípios da Santa Sé e seu status internacional são moldados por essa participação, mas ao mesmo tempo este ator com seus princípios também moldam a esfera pública ou a política internacional através de sua participação⁴”.

A Santa Sé tem como seu representante máximo o Papa que é ao mesmo tempo líder espiritual da Igreja Católica e chefe de Estado da Cidade do Vaticano que é onde a Santa Sé tem sua soberania e pode atuar livremente. No entanto, é preciso sublinhar que o prestígio do Papa, vem por ser líder da Igreja Católica e não por ser chefe de Estado do Vaticano. A Cidade do Vaticano é o menor país do mundo que se constituiu através dos Tratados de Latrão de 1929, colocando fim a Questão Romana. Não se deve limitar a Santa Sé aos 44 hectares do Vaticano, pois na verdade é algo muito maior, o Vaticano serve como sede daquela instituição que é o órgão máximo da Igreja Católica. É importante frisar que a Santa Sé não governa somente o Vaticano, ela governa todas as Igrejas Católicas no mundo, tendo autoridade sobre elas. O jornal “The Economist” sugeriu uma vez em uma de suas publicações que a Santa Sé se declarasse como a maior organização não governamental do mundo, entretanto é algo que não encaixa nas características da Santa Sé que é uma instituição muito mais complexa que uma ONG.

A Santa Sé é uma instituição que representa mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo, além disso, é a única instituição religiosa que mantém relações diplomáticas com Estados nacionais e participa em várias organizações internacionais como observador, sendo a ONU a mais importante. A Santa Sé possui um caráter transnacional, pois as mais de um bilhão de pessoas que representa estão espalhadas por todo o mundo. Isso dificulta algumas vezes a relação da Santa Sé com alguns Estados como, por exemplo, a China. O governo chinês considera acima de tudo o Papa um Chefe de Estado por isso não aceita as nomeações ao clero chinês vindo de Roma, pois considera isso como uma violação a sua soberania.

A Santa Sé tem uma posição única na governança global. Isso deriva da sua dupla posição como igual na sociedade dos Estados, que tem seu próprio Estado porém poderia existir sem ele, e simultaneamente como um ator transnacional muito específico que constitui regras e normas para mais de um bilhão de fiéis com o interesse de persuadir a todos⁵. (BARB ATO, 2012. p. 25, tradução nossa)

⁴The Holy See’s principles and its very actorness are shaped by this participation, but at the same time this actor with its principles also shapes the public sphere or world politics through its participation.

⁵The Holy See has a unique position in global governance. It derives from the Holy See’s double position as a peer in the society of states, which has its own state but could even do without, and simultaneously as a very specific transnational actor who constitutes rules and norms for more than one billion faithful with the ambition to persuade all.

Alegando ser o Vigário de Cristo, o Papa se apresenta como sendo a maior autoridade espiritual na Terra. A eleição de um Papa é realizada quando cardeais de todos os continentes se reúnem em sessão secreta, o local dessa reunião é a Capela Sistina. Nesse contexto de autoridade espiritual, a Sede apostólica também se mostra como autoridade moral. Por essa atribuição no âmbito das relações internacionais, vários Estados recorreram a Santa Sé para que atuasse como mediador em um conflito ou buscando apoio para algum reconhecimento internacional. Cuba por exemplo em momentos de crise no pós Guerra Fria buscou o apoio da Santa Sé como forma de mostrar ao mundo a legitimidade de seu governo.

O status especial que a Santa Sé possui é algo que começou a ser adquirido ainda na Idade Média, quando concentrava em suas mãos o poder espiritual e temporal da Europa. Desde aqueles períodos, a Santa Sé enfrentou muitos desafios que a fizeram se readaptar a cada momento específico. Destes desafios, podemos destacar a Invasão pelas tropas de Napoleão em 1808 e a unificação italiana que resultou na perda dos Estados pontifícios. A perda dos territórios que constituíam os Estados Pontifícios ficou conhecida como “Questão Romana” que só se resolveu no ano de 1929 através dos Tratados de Latrão que criou o Estado da Cidade do Vaticano, o menor país do mundo situado no coração de Roma. Mesmo com a perda dos Estados pontifícios em 1870 é importante salientar que a Santa Sé não perdeu sua legitimidade e seu status de sujeito internacional. Em meio a todos esses acontecimentos, a Santa Sé passou por um período em que parecia que sua voz era cada vez menos ouvida nas relações internacionais. Porém após as duas Guerras Mundiais, a Santa Sé voltou gradativamente a ser reconhecida como um dos atores internacionais do palco mundial.

Ao se relacionar com outros Estados, a Santa Sé não busca interesses econômicos ou militares, algo que está norteado na maioria das relações entre países. A Santa Sé tem como principal objetivo manter a unidade da Igreja Católica nas centenas de países em que está presente. A fidelidade a Sede de Pedro e a garantia de que as diretrizes enviadas do Vaticano serão seguidas pelas Igrejas é o que mantém a unidade da Igreja Católica no mundo. O direito dos católicos de exercer sua fé livremente também se encontra entre as principais pautas da diplomacia pontifícia. Atualmente, esse campo se mostra mais complexo em países islâmicos e socialistas. Outro grande objetivo da diplomacia pontifícia é manter boas relações com os Estados, dessa forma o enviado do Papa tem duas principais funções: assegurar a unidade da Igreja Nacional com o Vaticano e manter boas relações com o governo civil. O Papa, como representante máximo da Santa Sé, norteia sua política externa em princípios morais que

preservam a dignidade humana. Dessa forma, a diplomacia pontifícia atua em áreas de grande importância das relações internacionais como direitos humanos, bioética entre outros. Por possuir uma relativa autonomia em relação a outros países, a Santa Sé possui grande grau de liberdade na hora de posicionar sobre algum assunto de interesse internacional.

Todo esse funcionamento da diplomacia pontifícia como a manutenção da Igreja requer uma complexa administração que é executada pela Cúria Romana, um conjunto de escritórios que auxilia o Papa na coordenação da Igreja Católica. De acordo com o Direito Canônico

Can. 360- A Cúria Romana por meio do qual o Sumo Pontífice costuma dar execução aos assuntos da execução aos assuntos da Igreja Universal, e que desempenha o seu múnus em nome e autoridade do mesmo para o bem e serviço das Igrejas, consta da Secretaria de Estado ou Papal, do Conselho para negócios públicos da Igreja, das Congregações. Dos Tribunais, e de outros Organismos, cuja constituição e competência são determinados por lei peculiar⁶.

Dentre os escritórios da Cúria Romana o principal é a Secretária de Estado que foi criada no século XV ano de 1487 quando foi chamada de Secretaria apostólica e era composta por 24 secretários apostólicos do qual um com o título de *Secretarius domesticus* possuía posição de destaque. A grande importância da Secretaria de Estado se dá por ser o escritório mais próximo do Papa e também por ser considerado o máximo expoente da atividade diplomática da Santa Sé. O comando da Secretaria de Estado, é dado a um cardeal que assume o título de Secretário de Estado, considerado a figura mais importante da Igreja depois do Papa. No ano de 1988 a Secretaria de Estado passou por uma reforma com a promulgação pelo Papa João Paulo II da Constituição Apostólica *Pastor Bonus*. A partir de então, a Secretaria de Estado ficou dividida em duas seções, a de assuntos gerais e a de relações com Estados. A primeira seção cuida de assuntos cotidianos do Pontífice, regulamenta atividades de representantes da Santa Sé e administra assuntos das embaixadas creditadas a Santa Sé. Já a segunda seção trata diretamente assuntos com Estados como as relações diplomáticas e acordos bilaterais.

As representações diplomáticas da Santa Sé nos diversos países que mantém relações diplomáticas são chamadas nunciaturas e possuem o mesmo status que as embaixadas. O representante diplomático é chamado de Núncio que se equipara com embaixador. O Núncio teve sua equiparação com o embaixador reconhecida no Congresso de Viena em 1815. Na

⁶ Do Código de Direito Canônico. Capítulo IV. Disponível em: < http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonicali/portuguese/codex-iuris-canonicali_po.pdf.> Acesso em: 10 de dez 2014.

Convenção de Viena de 1961, foi confirmada a posição do Nuncio e acordado que o representante pontifício seria o decano do corpo diplomático de todos os países que possuem relações diplomáticas com a Santa Sé. Os Estados com os quais a Santa Sé mantém relações diplomáticas teve um grande aumento a partir do pontificado de Paulo VI e João Paulo II. Quando Paulo VI assumiu eram 46 países creditados a Santa Sé até o fim do pontificado de João Paulo II esse número era de 174 países. Hoje a Santa Sé mantém relações diplomáticas com 179 países.

A diplomacia da Santa Sé pode ser bilateral e multilateral. A diplomacia bilateral é exercida com os países com que a Santa Sé mantém relações diplomáticas. Essa diplomacia é executada através de Nuncios e embaixadores e visitas oficiais de Estado. Já a diplomacia multilateral é a presença da Santa Sé nos organismos internacionais. “A diplomacia multilateral representa para Santa Sé um importante instrumento de participação internacional que lhe permite exercer certa influência no cenário internacional” (CARLETTI, 2012, p. 59). No ano de 1957 a Santa Sé ingressou na ONU com o status de observadora, adquirindo o caráter de permanente em 1964. A Admissão da Santa Sé na ONU causou e causa até hoje protestos de alguns setores que questionam a sua natureza e legitimidade para participar de uma organização como a ONU.

Uma das grandes características da diplomacia da Santa Sé é mediar conflitos internacionais. De acordo com Maltary (2001, p.06, tradução nossa) “A Santa Sé é convidada para mediar por duas razões: é um ator único e neutro; e é capaz de agir discretamente⁷”. Dentre as mediações da Santa Sé estão a disputa entre Brasil e Bolívia e Brasil e Peru sobre disputa de depósitos de ouro em 1909 e 1910. Outra mediação que ganhou grande destaque foi a disputa sobre o Canal de Beagle entre Chile e Argentina que ocorreu entre 1978 e 1984.

Outro importante instrumento usado pela Santa Sé em sua diplomacia são as concordatas. Essas têm como objetivo estabelecer acordos com os governos dos países a fim de reconhecer o trabalho da Igreja e garantir a liberdade religiosa para permitir que a Igreja executasse seu trabalho pastoral livremente. Desde a sua criação, as concordatas passaram por grandes modificações, a última grande transformação é marcada pelo Concílio Vaticano II, durante a qual a Igreja Católica empenhou-se em encontrar novos caminhos e meios para

⁷ The Holy See has been asked to mediate for two reasons: that it is a neutral and just actor; and Thais it is able to act discretely.

dialogar com a sociedade, inaugurando assim uma época de diálogo não apenas com os católicos, mas com toda humanidade.

A diplomacia da Santa Sé é considerada a mais antiga do mundo, mas também uma das mais bem preparada. Por ser a mais antiga a diplomacia pontifícia tem em vantagem a experiência dos anos e o maior tempo para aperfeiçoamento de sua máquina diplomática. Essa sem dúvida pode ser uma das razões apontadas para a Santa Sé, mesmo com tantos desafios que colocaram em risco sua existência, tenha conseguido sobreviver e se adaptar a um mundo que tem o secularismo cada vez mais forte em suas concepções. O Seu caráter *sui generis* faz com que receba atenção especial da comunidade internacional em seus posicionamentos e discursos.

2- REVOLUÇÃO CUBANA

No capítulo anterior tratou de expor como a diplomacia pontifícia funciona de acordo com suas peculiaridades. No prosseguimento de um melhor conhecimento histórico sobre o objeto de estudo desse trabalho, esse capítulo traz como propósito uma descrição do que foi a Revolução Cubana e os impactos que a mesma trouxe para Cuba. É importante salientar que esse capítulo tratará de forma bastante concisa sobre a Revolução Cubana, tendo como objetivo apenas retratar o contexto político em que se desenvolvem as relações de Cuba com a Santa Sé.

A Santa Sé está presente em Cuba desde os tempos coloniais, sendo que as relações diplomáticas foram oficializadas em sete de junho 1935. Entretanto, até 1959, ano do início da Revolução Cubana, Santa Sé e Cuba não enfrentaram grandes desafios em suas relações. Com o desenvolvimento da Revolução e os impactos que causaram na sociedade cubana, Igreja Católica local, que sempre manteve boas relações com o Estado cubano, e governo revolucionário passaram a ter divergências que agravaram com o tempo suas relações recíprocas.

Para entender as causas que levaram à Revolução Cubana, precisamos remontar ao processo de independência de Cuba que foi a última das colônias americanas a se desprender da Espanha. O período de litígio entre Cuba e Espanha durou 30 anos, quando em 1898, finalmente Cuba se tornou independente. Todavia, Cuba já perto da vitória, contou com um aliado que entrou nos últimos momentos da guerra contra a Espanha, os Estados Unidos. A justificativa dos americanos para entrar na guerra foi o afundamento de um navio de guerra da marinha americana. Os EUA declararam guerra contra Espanha baseados em laudos forjados criados pelo governo americano que mostravam a suposta culpa espanhola na destruição do navio americano. Os EUA estavam interessados nas matérias-primas de Cuba, mas o principal interesse dos americanos se baseava na construção e ampliação de sua área de influência no continente americano.

Com a independência da Espanha, Cuba passa por um novo modelo de colonização, dessa vez sob o comando dos EUA que passam a interferir diretamente nos rumos políticos e comerciais da ilha. Até o ano de 1903, Cuba encontrava-se ocupada por tropas norte-

americanas. No ano de 1902, foi empossado o primeiro presidente eleito do país Tomás Estrada Palma. Para garantir sua supremacia no país, os EUA, antes de retirarem seu contingente militar de Cuba, impuseram a emenda Platt que deu o direito aos EUA, entre outras coisas de intervir militarmente no país quando julgasse necessário e obriga Cuba a dar preferência aos EUA na venda ou arrendamento de terras. Com todas essas ingerências dos EUA em Cuba, passa a surgir um sentimento antiamericano com o objetivo de se desamarrar do neocolonialismo imposto pelos americanos.

Devido a um sistema político instável que intercalava entre uma democracia frágil e regimes ditatoriais, Cuba sofria com o alto grau de dependência dos EUA e grande corrupção. No ano de 1952 Fulgencio Batista, que já havia sido presidente de Cuba antes, aplicou um golpe militar com apoio do EUA. Nesse mesmo ano aconteceriam as eleições como previa a constituição cubana e um dos candidatos a deputado pelo partido ortodoxo era Fidel Castro. O grande desapontamento de Castro lhe fez nascer um sentimento de luta contra o regime de Batista com o objetivo de depor o ditador e retomar os preceitos constitucionais do país. Fidel Castro reuniu um grupo de jovens para planejar a primeira tentativa de derrubada de Fulgencio Batista do poder com o assalto aos quartéis de Moncada e Bayamo. No dia 26 de julho de 1953, Fidel Castro, Raul Castro e demais revolucionários deram início ao plano de assalto aos quartéis, entretanto o plano fracassou e quase nada deu certo naquele dia. Um tiroteio inesperado começou deixando os combatentes desorientados, com isso o saque as armas do quartel não ocorreu. Muitos membros do movimento foram assassinados e os principais líderes foram presos.

Fidel castro, condenado a vários anos de prisão, como advogado formado conduz ele próprio a sua defesa através de um documento chamado “A história me absolverá”, documento que expõe os motivos do movimento e as mazelas sociais de Cuba. A condenação de Fidel Castro e demais revolucionários gerou uma grande campanha popular pela libertação dos combatentes. Batista, pressionado pelo grande apelo da população, concede a anistia no dia 15 de maio de 1955. No mesmo ano Fidel Castro parte para o México, onde se dedicou a organização e treino de um novo grupo de revolucionários para uma nova luta contra a ditadura de Batista. Dentre os combatentes encontrava-se o médico argentino Che Guevara. Em Cuba, Fidel Castro manteve contato com grupos clandestinos opositores ao governo, principalmente com o Movimento 26 de julho que mandava grupos de ativistas para serem treinados no México.

No final de novembro de 1956, os revolucionários deixaram o México em direção a Cuba a bordo do Granma, um barco de transporte de turistas que foi reformado. A viagem para Cuba demorou mais que o planejado. Os militantes desembarcaram na Praia dos Colorados, porém o exército de Batista já estava a par dos acontecimentos e no dia 5 de dezembro lançou um ataque que dizima com grande parte dos combatentes revolucionários, somente doze sobreviveram. Os sobreviventes foram para Sierra Maestra para a preparação de um novo plano de ação. Foi lançada uma busca por apoio no campo e na cidade entre as camadas da população mais pobres. O recrutamento foi feito também sob a propaganda da reforma agrária. O movimento revolucionário obteve vitórias no campo e empregaram a experiência da reforma agrária. Começou a haver uma crescente adesão popular ao movimento oposicionista ao governo de Fulgencio Batista, dessa forma em junho de 1957, o Movimento 26 de junho publicou o “Manifesto de Sierra Maestra” escrito por Fidel Castro que dentre outras coisas exigia a renúncia de Batista e a recusa de qualquer interferência externa em Cuba.

Em meados de 1958 foi lançada uma ofensiva final pelo exército de Fulgencio Batista com cerca de dez mil soldados. A ação contra guerrilha não obteve êxito e foi obrigada a recuar depois das grandes baixas sofridas. A partir de então o movimento revolucionário entrou em uma nova fase em que partiu para uma ofensiva contra as forças do governo até a chegada à cidade de Havana. Batista não conseguiu mais manter o controle da situação e fugiu de Cuba no dia 31 de dezembro de 1958.

Os revolucionários assumiram o poder no dia 8 de janeiro de 1959 e Manuel Urrutía Lleó assumiu o cargo de presidente de Cuba, porém só ficou no cargo por aproximadamente seis meses. A razão da saída de Lleó foi devido ao seu desacordo com o rumo da Revolução. Osvaldo Dorticós Torrado se tornou presidente e ficou no cargo até 2 de dezembro de 1976, quando Fidel Castro foi eleito o novo presidente do país de acordo com a nova constituição de Cuba. Os Estados Unidos acompanhavam de perto os rumos que a Revolução estava tomando. Nos primeiros meses ainda não havia um indicativo de inclinação para o socialismo. Mas com a assinatura da reforma agrária no dia 17 de maio de 1959, o governo americano começou a olhar com maior desconfiança para o governo revolucionário. “(...) a decretação da reforma agrária desencadeou o início do confronto entre objetivos da revolução e a política dos Estados Unidos” (AYERBE, 2004, p.61).

A partir da reforma agrária, as relações entre Cuba e EUA iam ficando cada vez mais complicadas e o governo americano passou a adotar retaliações em resposta as ações adotadas pelo governo revolucionário. O que se percebeu foi que as medidas como restrição de venda de combustíveis e a redução de 95% da importação de açúcar cubano, fizeram Cuba se aproximar cada vez mais da órbita soviética. Entre agosto e novembro de 1960, o governo cubano nacionalizou todas as empresas de seu território. Já em 3 de janeiro de 1961 as relações com os Estados Unidos foram rompidas.

No ano de 1960, o então presidente dos Estados Unidos Dwight D. Eisenhower incumbiu a CIA de organizar e treinar opositores exilados de Fidel Castro para uma ofensiva militar que ficou conhecida como Invasão a Baía dos Porcos. Essa operação aconteceu no dia 17 de abril de 1961 já no governo de John Kennedy. Foi nesse contexto de contrarrevolução liderada pelos Estados Unidos que em 16 de abril de 1961, depois de um ataque aéreo da CIA, Fidel Castro pela primeira vez declarou o caráter socialista da Revolução. Fidel Castro mais uma vez mostrou ser um hábil líder militar ao vencer o movimento contrarrevolucionário, em 19 de abril de 1961. O episódio da invasão a Baía dos Porcos é tido como uma grande humilhação sofrida pelos Estados Unidos.

Observando que Cuba estava cada vez mais se caracterizando como um país socialista, grande parte dos setores médio e alto da sociedade cubana deixou o país, isso provocou grande perda de mão de obra especializada em Cuba. Em fevereiro de 1962 foi imposto pelos Estados Unidos o bloqueio econômico a Cuba. Entretanto, foi no ano de 1962 que houve o episódio mais inquietante no contexto da Guerra Fria. Os Estados Unidos, por meio de sua inteligência, descobriram que a União Soviética estava fornecendo armas para Cuba, e em outubro de 1962, fotos mostraram que Cuba possuía mísseis nucleares instalados com capacidade de atingir o território americano. Nunca a iminência de uma Guerra nuclear esteve tão perto. Nesse episódio da Crise dos mísseis houve a mediação do Papa João XXIII. Depois de dias de grande apreensão Kennedy e Khrushchov entraram em um acordo: os Estados Unidos se comprometerem em não invadir Cuba e a retirar seus mísseis da Turquia, enquanto a União Soviética desinstalaria os mísseis em Cuba.

Em 1965, foi criado o Partido Comunista Cubano (PCC) e dez anos depois em 1975 ocorre o primeiro congresso do PCC. No ano seguinte, em 1976, foi aprovada uma nova constituição que institucionalizou a Revolução Cubana. Com uma nova constituição em vigor

foram realizadas as primeiras eleições desde a Revolução cubana e Fidel Castro se tornou presidente de Cuba.

A deflagração da Revolução cubana e a transformação de Cuba em um Estado socialista modificou totalmente sua inserção internacional. Essa mudança teve grandes efeitos na relação com a Santa Sé que entrou em uma nova fase a partir de 1959, assunto que já começará a ser tratado no próximo capítulo.

3- SANTA SÉ FRENTE À REVOLUÇÃO CUBANA

Geralmente, a condução da Santa Sé em assuntos diplomáticos está relacionada com a personalidade e experiência de vida do sumo pontífice. Na época dos acontecimentos da Revolução Cubana, isso não foi diferente. O Papa, que na época estava a frente da Igreja, era João XXIII que adotara uma política totalmente distinta do seu antecessor, Pio XII, que entre os pontos mais marcantes do seu pontificado estava a luta ferrenha contra o socialismo. João XXIII inaugurou uma fase de abertura na Igreja nunca vista antes. Sua diplomacia estava direcionada em ir além do mundo católico e nessa perspectiva estava incluído o diálogo com o socialismo. Esse período da diplomacia pontifícia que se inicia com João XXIII e continuou com Paulo VI, ficou conhecida como *Ostpolitik*⁸. No intuito de reforçar ainda mais essa nova posição da Santa Sé, João XXIII deu início ao Concílio Vaticano II que tratou exatamente de como a Igreja deveria se adequar às novas realidades.

A *Ostpolitik* adotada por João XXIII explicava bem a visão que o pontífice tinha sobre a Igreja. “Ela mesma, como sabeis, não se identifica com nenhuma cultura, nem mesmo com a cultura ocidental, à qual a sua história está estreitamente ligada”.⁹ João XXIII adotou um tom mais sutil direcionado ao mundo do socialismo, de forma que ao mesmo tempo em que buscava o diálogo, reivindicava a liberdade religiosa que as igrejas dos países socialistas não possuíam mais.

E o que dizer das relações entre Igreja e sociedade civil? Vivemos em face de um mundo político novo. Um dos direitos fundamentais que a Igreja não pode renunciar é o direito à liberdade religiosa, que não é somente liberdade de culto ¹⁰ (tradução nossa)

⁸ Política externa iniciada no Pontificado de João XXIII que teve plena execução sob Paulo VI. Recebeu esse nome por estar prioritariamente direcionada aos países do Leste Europeu, seu intuito era superar as divisões ocorridas com a Guerra Fria através do diálogo, deixando de lado a postura anti-comunista que caracterizou a Santa Sé sob o pontificado de Pio XII.

⁹ João XXIII. Carta Encíclica *Princeps Pastorum*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_28111959_princeps_po.html#_ftnref21>. Acesso em: 19 out. 2014.

¹⁰Y qué decir de las relaciones entre la Iglesia y la sociedad civil? Vivimos de cara a un mundo político nuevo. Uno de los derechos fundamentales a que la Iglesia no puede renunciar es el derecho a la libertad religiosa, que no es solamente libertad de culto. João XXIII. Radiomensaje de su santidad Juan XXIII un mes antes de la apertura Del Concilio Vaticano II. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council_sp.html>. Acesso em: 15 de Out. 2014.

Na mensagem de 11 de setembro de 1962, um mês antes da abertura oficial do Concílio Vaticano II, João XXIII mostrava a condução da abertura de sua política externa ao citar os representantes religiosos de todas as partes do mundo e grande contribuição que isso traria para a Igreja.

O Concílio Ecumênico começará a dezessete anos do fim da Segunda Guerra Mundial. Pela primeira vez na história os padres do Concílio pertencerão realmente a todos povos e nações, e cada um dele proporcionará a contribuição de sua inteligência e experiência para curar e sanar as cicatrizes dos grandes conflitos que mudaram profundamente a face de todas as nações¹¹ (Tradução nossa)

A decisão de João XXIII de não condenar o socialismo na encíclica *Pacem in Terris*, provocou o descontentamento do governo americano que acusou o Papa de ter uma posição indolente em relação ao socialismo. O sumo pontífice continuou demonstrando em suas ações que desejava uma aproximação saudável além da cortina de ferro. Na bem sucedida mediação de João XXIII na Crise dos Mísseis em Cuba, o Sumo Pontífice ganhou o respeito e simpatia de Krushchev que o parabenizou pelos seus esforços por um mundo melhor. João XXIII também recebeu a filha e o genro de Krushchev no Vaticano. Nesse encontro o Papa fez questão de reiterar a posição de neutralidade da Igreja no contexto da Guerra Fria.

A Santa Sé, sob o pontificado de João XXIII, buscava o diálogo ao invés da confrontação direta com doutrinas que iam contra aos princípios católicos, dessa forma o Papa acreditava que seria possível salvar a atuação da Igreja em lugares inóspitos, a maioria onde se regia o socialismo. João XXIII era muito sensível a situação de dificuldades que a Igreja Católica passava nos regimes socialistas. Em seu discurso de abertura do Concílio Vaticano II, o Papa mostrou preocupação com a situação chinesa em que depois de muitas divergências com a Santa Sé, o governo chinês tentou nacionalizar a Igreja católica, buscando tirá-la do controle do Vaticano.

A orientação da Santa Sé com Cuba estava norteadada pelo diálogo e pela abertura. Apesar das grandes divergências entre Igreja local e governo revolucionário, principalmente por causa do confisco dos bens da Igreja pela nacionalização do ensino em Cuba e pela

¹¹El Concilio Ecuménico va a abrirse a los diecisiete años de terminada la segunda guerra mundial. Por primera vez en la historia los padres Del Concilio pertenecerán realmente a todos los pueblos y naciones, y cada um de ellos aportará la contribución de su inteligencia y de su experiencia para curar y sanar las cicatrices de los grandes conflictos que han cambiado profundamente la faz de todas las naciones. João XXIII. Radiomensaje de su santidad Juan XXIII un mes antes de la apertura Del Concilio Vaticano II. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council_sp.html>. Acesso em: 15 de Out. 2014.

expulsão de grande parte do clero de Cuba, a Santa Sé preferiu não condenar abertamente o novo governo a fim de salvar o que restava da Igreja em Cuba. Houve grande pressão dentro do Vaticano para que João XXIII excomungasse Fidel Castro e rompesse as relações com Cuba, porém o Papa manteve-se fiel a sua postura adotada desde o começo de seu pontificado e não rompeu as relações com Cuba. De certa maneira, a manutenção das relações com Cuba significava uma vitória para a *Ostipolitik*, iniciada com João XXIII, dado que no contexto da Guerra Fria, Cuba foi o primeiro Estado socialista a ter relações com a Santa Sé e o único até hoje de relações ininterruptas.

A política de João XXIII de não condenar o socialismo não era aceita pela parte conservadora da Igreja que contrária a manutenção das relações com Cuba, tentou envenenar as relações com ilha, difundindo uma falsa notícia de excomunhão de Fidel Castro, em janeiro de 1962. Após a difusão da falsa notícia, os jornais esperavam ansiosamente por uma declaração do Papa, porém, quem comentou essa notícia foi Dino Staffa, o então secretário da Congregação para os Seminários e grande especialista em Direito Canônico. Staffa comentou que a excomunhão de Fidel não estava atrelada ao fato do líder cubano ter declarado Cuba um país socialista, mas sim por causa da violência cometida contra o clero em Cuba. Essa sanção segundo Staffa está presente no código de Direito Canônico. Não obstante, o Arcebispo Sataffa deu essa declaração alheia ao conhecimento do Papa João XXIII, sem nenhuma consulta prévia ou autorização. O secretário pessoal de João XXIII, Arcebispo Loris Capovilla se mostrou surpreso com a notícia e disse não ter tido conhecimento de nenhum ato de excomunhão decretada pelo Papa. Segundo Tornielli (2012, tradução nossa) “Portanto a excomunhão tratava-se da opinião de um especialista em Direito Canônico, não de uma excomunhão decretada no momento¹²”. Todo esse episódio fazia parte da pressão sofrida para que o Papa excomungasse Fidel. Todavia, coincidentemente naquele mesmo mês de janeiro o Papa mantinha sua política de diálogo a todos os povos e respondia uma carta de cordialidade do Presidente cubano Osvaldo Dorticós Torrado. Nessa carta o Papa desejou prosperidade para o povo cubano.

Seguindo a lógica de sua política externa, João XXIII decidiu que aceitaria as credenciais do novo embaixador enviado por Cuba no ano de 1962, Luis Amando Blanco que se transformaria futuramente no decano do corpo diplomático creditado a Santa Sé. O Papa não era indiferente as dificuldades enfrentada pela Igreja em Cuba, mas João XXIII possuía

¹²The excommunication therefore boiled down to the opinion of a scholar of canonical Law, not to an excommunication decreed at the moment.

uma visão de longo prazo para a sobrevivência da Igreja em Cuba, dessa forma a ordem principal para Secretaria de Estado era evitar rupturas.

A linha de ação adotada pela Secretaria de Estado era evitar qualquer ruptura e tentar assegurar os padres e missionários que ficaram na ilha. No momento em que a Revolução cubana eclodiu a Secretaria de Estado era liderada pelo Cardeal Domenico Tardini, e em janeiro de 1962 passa a ser coordenada pelo Cardeal Amleto Cicognati. Isso não significa que a Santa Sé e o Papa não estavam conscientes e bem informados sobre as dificuldades que a Igreja cubana estava enfrentando¹³ (TORNIELLI, 2012, s/p, tradução nossa)

Para enfrentar a pior crise já existente com Cuba, a Santa Sé nomeou Cesare Zacchi¹⁴ como conselheiro da Nunciatura em Cuba em 1961. Já em 1962 foi nomeado como encarregado de negócios da Santa Sé. Cesare Zacchi ficou à frente da Nunciatura em Cuba até ao ano de 1975. Zacchi acompanhou de perto as principais transformações advindas da Revolução cubana e mantinha uma posição de convergência com o governo revolucionário. Cesare Zacchi mantinha relações próximas com o novo governo de Cuba, considerando Fidel Castro um amigo. Zacchi também se obstinava a convencer o clero e povo de Cuba a serem amigáveis com o novo governo e a estarem dispostos a ajudar nas mudanças que segundo ele seriam benéficas para todos. Essa atitude do representante pontifício, ganhou a simpatia do governo cubano que facilitou a entrada de novos sacerdotes em Cuba e revogou algumas ordens de expulsão. Logo após ser consagrado cardeal por Paulo VI em 1967, a Nunciatura em Cuba promoveu uma recepção para Cesare Zacchi, onde esteve presente Fidel Castro e outros representantes do governo cubano. Foi o primeiro encontro do governo revolucionário com o clero cubano. A atuação de Cesare Zacchi como representante pontifício dividiu opiniões, pois muitos o acusavam de ser conivente e fechar os olhos para atitudes duvidosas do governo. Essa acusação de conivência com o governo cubano pesa até os dias atuais sobre a Igreja cubana. Sobre a atuação de Dom Zacchi, Fidel Castro aprovou a forma como o representante pontifício conduziu seu trabalho.

Nisso influiu muito um núncio muito inteligente e capacitado que tivemos aqui, monsenhor Zacchi, uma pessoa construtiva, extraordinária, que percebeu a inconveniência de conflitos entre a Igreja e a Revolução e ajudou a evitá-los. Creio

¹³The line of action taken by the Secretary of State involved the avoidance of any rifts and the attempt to try to ensure priests and missionaries stayed on the island. At the time, the Secretariat of State was led by the Cardinal Domenico Tardini Who was its head when the Cuban Revolution broke out, and then by Cardinal Amleto Cicognati Who took charge in January of 1962. This does not mean that the Holy See and the Pope himself were not aware of and well informed about the difficulties the Cuban Church was facing.

¹⁴ Cesare Zacchi foi ordenado Sacerdote em 17 de outubro de 1937 e consagrado Bispo em 12 de dezembro de 1967. Após 14 anos em Cuba, foi nomeado presidente da Pontifícia Academia Eclesiástica em 1975, faleceu em Roma em 24 de agosto de 1991.

que deu importante contribuição para evitar que tais conflitos se aprofundassem. (CASTRO, 1985, p.223)

A Santa Sé, sob o comando de João XXIII e os preceitos da *Ostipolitik* iniciada em seu pontificado, viveu uma abertura nunca vista antes na Igreja Católica. A visão do Papa Roncali de uma Igreja universal e livre de qualquer preconceito ocidental a outras formas de governo, ou seja, o socialismo, levou a Santa Sé a se adaptar a conjuntura do momento da Guerra Fria. Isso culminou com a busca da liberdade religiosa dos católicos em países socialistas de forma muito mais racional e diplomática, livre de agressões e condenações. Essa atitude talvez tenha sido a principal causa para que Cuba mantivesse relações diplomáticas com a Santa Sé e ter se tornado o único país socialista a nunca ter rompido relações com a Sé apostólica desde a sua implementação oficial no ano de 1935.

3.1- Igreja local Frente à Revolução Cubana

Após ter apresentado a postura da Santa Sé, órgão supremo da Igreja Católica, frente à Revolução Cubana, agora tratar-se-á de mostrar como foi a posição da Igreja cubana frente às reformas trazidas pela Revolução e as consequências que isso trouxe para a Igreja local.

Nos primeiros momentos da Revolução Cubana, não houve um enfrentamento entre Igreja e revolucionários, a Igreja cubana inclusive parabenizou a força revolucionária por terminar com tempos de incertezas e sofrimento para o povo cubano. Entretanto, com o passar do tempo e as mudanças advindas da Revolução, Igreja e Estado foram se distanciando e divergindo cada vez mais sobre os caminhos que Cuba deveria trilhar. A postura do governo revolucionário em relação a Igreja foi de pouca tolerância. Isso se dá porque a maioria dos cubanos se declaravam como católicos, mas somente formalmente e não na prática. Na verdade, a Igreja se mantinha distante da maioria da população, principalmente no campo. Esses fatores somados a várias outras questões faziam com que o catolicismo não fosse tão arraigado na sociedade cubana que se mostrava bastante alheia ao catolicismo.

Em uma pesquisa mostrada por Margaret Crahan em seu artigo “*Salvation through Christ or Marx: Religion in Revolutionary Cuba*”¹⁵, a autora mostra que 72,5 % dos cubanos se declaravam católicos em 1960, mas que dessa porcentagem em torno de 90 % disseram que não tinham costume de frequentar a missa regularmente. Além disso, os trabalhos que a Igreja promovia estavam majoritariamente concentrados nas cidades e em bairros de classe média e alta, mantendo-se assim distante dos que mais precisavam e parte majoritária da população que eram os pobres e camponeses. Sobre essa composição da sociedade cubana em relação ao catolicismo Crespo mostra que

A composição social desses últimos demonstrou que nas classes classificadas como baixas e muito baixas (entende-se pobres e muito pobres), que representavam 89% da população, a média dos que se declaravam católicos era de 74,5%. Em contraposição as classificadas como média e alta (pequena e alta burguesia) que apenas representavam 11% do total da população, relataram níveis na ordem de 88% e 100% respectivamente. Resulta como média que 94% da burguesia que detinha o poder político e econômico era ou ao menos se declarava católica¹⁶ (CRESPO, 2005, p. 5, tradução nossa)

Diante desses dados é possível entender a oposição da Igreja em relação as atitudes tomadas pelo governo revolucionário. Ademais, é preciso salientar que a composição do clero cubano era majoritariamente espanhola. Tais fatos mostram a acomodação e distanciamento que a Igreja mantinha da maioria dos cubanos no período pré-revolucionário.

A primeira grande medida adotada pelo governo revolucionário, a reforma agrária, não afetou diretamente os interesses da Igreja, tendo inclusive apoiado a decisão do governo. Segundo Fernández (2007, p.03, tradução nossa) “Com essa atitude a Igreja confirmava sua visão da necessidade de uma redistribuição nas terras cubanas¹⁷”. Mesmo apoiando a reforma agrária a Igreja já começou a olhar com desconfiança para as medidas do novo governo. Além disso, os latifundiários, afetados por essa medida, protestavam contra a reforma agrária baseados em valores religiosos e já buscavam na Igreja uma colaboração nas suas reivindicações. A partir de então, a classe média e alta passaram a usar os valores cristãos contra todas as medidas populares que o governo revolucionário passou a tomar. Houve um

¹⁵ CRAHAN, Margaret. *Salvation Through Christ or Marx: Religion in Revolutionary Cuba*. Disponível em: <<http://www.utm.utoronto.ca/~w3his490/A-Crahan-Christ.or.Marx.Cuba.pdf>>. Acesso em: 16 de out. 2014.

¹⁶La composición social de estos últimos demostro que en lãs clases clasificadas como bajas y menos bajas (entiéndase pobres y muy pobres), que representanban el 89% del total de la población, como promedio se decian católicos el 74,5%. En contraposición las clasificadas como media-alta y alta (pequeña y alta burguesia) que apenas representaban el 11% del total poblacional, reportaron niveles em el orden de 88% y 100% respectivamente. De ello se desprende que, como promedio, el 94% de la burguesia que ostentaba el poder político y econômico era o al menos se declaraba católica.

¹⁷ Con esta actitud, la Iglesia confirmaba su visión de la necesidad de una redistribución en el agro cubano.

alinhamento automático entre o clero e burguesia afetada pelas medidas revolucionárias. Clero e burguesia se transformaram em uma só voz na luta contra a Revolução. Entretanto, esse alinhamento da Igreja com a burguesia foi um tanto contraditório dentro do seio da Igreja, dado que muitos sacerdotes e católicos leigos aderiram as causas da Revolução. O arcebispo de Santiago de Cuba, Enrique Pérez-Serantes publicou uma carta intitulada “Roma ou Moscou” acusando e alertando sobre os males do socialismo. Essa carta causou revolta em uma grande parcela da população católica que acusou o arcebispo de contrarrevolucionário. A aliança Igreja-burguesia mostrava mais uma vez o distanciamento do clero com a população de Cuba.

A Hierarquia eclesiástica ao se opor ao processo transformador revolucionário da sociedade, assumiu uma posição de confrontação política não somente com a direção revolucionária, mas também com as massas populares que apoiavam de maneira quase unânime a essas medidas¹⁸. (CRESPO, 2005, p. 12, tradução nossa)

Fidel castro em entrevista ao sacerdote brasileiro Frei Betto¹⁹, disse que não houve uma luta contra a Igreja na época, e sim que foi uma luta de classes, pois a Igreja foi tomada pela burguesia reacionária que não aceitavam a perda de seus privilégios. Não obstante, a Igreja mostrou uma versão diferente, dizendo que não estava a serviço da burguesia, pois se estivesse não teria apoiado a reforma agrária. O clero cubano argumentou que o que colocou governo revolucionário e Igreja em lados opostos foi o caminho ideológico sustentado por uma doutrina anticlerical que levou as divergências entre Igreja e Estado. Para a Igreja cubana foi, portanto o socialismo que levou ao desconcerto Igreja-Estado.

Em um contexto de antagonismo entre Igreja e Estado, o governo americano soube aproveitar dessa situação para atrair o clero cubano para trabalhar em seu favor na luta contra o governo revolucionário. A operação Peter Pan foi o grande ápice dessa parceria entre a Igreja e os Estados Unidos. Nesse plano atuaram o Departamento de Estado dos Estados Unidos, a Agência de Inteligência Americana (CIA), a Igreja Católica de Miami e de Cuba. Essa operação que durou de 26 de dezembro de 1960 a 22 de outubro de 1962 consistia em um amplo processo de migração de crianças e adolescentes cubanos para os Estados Unidos. Foram mais de quatorze mil jovens que deixaram Cuba. A operação agia a partir de boatos difundidos pelos Estados Unidos e seus aliados de que o governo revolucionário

¹⁸La Jerarquía eclesiástica, al oponerse al proceso transformador revolucionario de la sociedad, asumió una posición de confrontación no solo con la dirección revolucionaria, sino también con las masas populares que de manera casi unánime apoyaban dichas medidas.

¹⁹ BETTO, Frei. Fidel e a Religião.1985. Editora Brasiliense.

implementaria uma lei que tiraria dos pais o direito de criar e educar seus filhos. Durante muitos meses essa informação falsa foi passada para os pais cubanos que se alarmaram com a notícia e passaram a mandar seus filhos para Miami. Os meios contrarrevolucionários, ao propagar esse boato, orientavam os pais cubanos a procurarem a Igreja de Cuba que auxiliaria no processo de imigração para os Estados Unidos. Quem se encarregava da acolhida dos jovens cubanos, ao chegarem em Miami, era o Instituto de Ação Católica de Miami que na época era dirigida pelo padre Bryan O. Walsh que foi considerado a principal figura dessa grande operação pensada e operacionalizada pela Igreja e pelo governo americano. Na operação Peter Pan aconteceu algo inédito na Secretaria de Estado americana, algo que até hoje não se repetiu. Em decorrência do rompimento das relações diplomáticas com Cuba e as dificuldades vindas com isso para a continuação da execução da operação, a Secretaria de Estado dos Estados Unidos outorgou autoridade a Bryan O Walsh de emitir isenção de vistos para jovens cubanos de até dezesseis anos. A operação Peter Pan foi um mega plano que além dos envolvidos já citados também participaram duas companhias aéreas uma americana e outra holandesa e o governo britânico.

Em novembro de 1959, no Congresso Nacional Católico Cubano, a Igreja posicionou-se claramente contra as medidas do novo governo em Cuba. Esse movimento da Igreja reuniu em torno de um milhão de pessoas na Praça cívica de Havana que depois da Revolução passou a se chamar Praça da Revolução. Nesse congresso, a Igreja deixava bem claro que o pensamento católico é oposto ao socialista e também ao Estado totalitário. José Ignacio Lazaga, um dos principais líderes laicos da Igreja e opositor ao governo, pronunciou uma frase curta e sucinta que descrevia todo pensamento da Igreja local, “justiça social sim, comunismo não”. Esse foi o último ato público da Igreja Católica cubana, autorizado pelo governo. Somente com a visita do Papa João Paulo II aconteceria outro.

Fidel Castro para conter a oposição dentro da Igreja e continuar a trabalhar em seus ideais, passou a usar a própria religião para dismantelar e enfraquecer a oposição. Em seus discursos Castro passou a usar o Cristianismo como forma de explicar a Revolução e justificar os seus atos. O líder cubano inclusive usou essa tática para exaltar o nacionalismo junto aos cubanos, mostrando a fé como algo complementar ao amor a pátria. Tal tática resultou numa nova vitória para o governo revolucionário que conseguiu convencer muitos fiéis da Igreja que passaram a acreditar na Revolução como possibilidade de vivência dos valores cristãos. Dessa forma, a Igreja se configurou como um campo de opositores ao governo, mas que ia se enfraquecendo gradualmente. Todas essas medidas levaram também o governo revolucionário

a diminuir gradualmente a liberdade religiosa em Cuba. A estratégia de usar princípios cristãos para justificar o movimento revolucionário foi usada por Fidel para neutralizar a Igreja, mas isso não quer dizer que ele não acreditasse em seu discurso. Em declarações dadas para o sacerdote brasileiro Frei Betto, Fidel afirma acreditar que o cristianismo tem muito mais semelhanças com o socialismo do que com o capitalismo. (BETTO, 1985, p. 14).

A colisão entre Igreja e Estado continuava a medida que surgiam novas reformas. Em abril de 1961, mais uma decisão do governo causaria grande descontentamento e condenação por parte da Igreja Católica. A educação em Cuba foi nacionalizada, essa medida foi a que mais enfraqueceu a Igreja em Cuba, uma vez que possuía várias instituições de ensino do país. As escolas eram as principais fontes de renda para a Igreja em Cuba.

Dessa maneira a Igreja ao ficar desvinculada do ensino, veria dizimado seu patrimônio, ao passo que se resignava a perder sob proibição governamental algumas de suas principais tradições, como a celebração da Semana Santa e do Natal²⁰ (GARCÍA, 2012, p.179, tradução nossa)

Além da nacionalização do ensino, outro grande confronto entre Igreja e governo aconteceu em setembro de 1961, quando o Bispo Eduardo Boza Masvidal mobilizou uma grande procissão para Padroeira de Cuba, Nossa Senhora da Caridade de Cobre. Porém diferente do Congresso Nacional Católico ocorrido em 1959, o governo não permitiu que se continuasse a caminhada por entender que o evento era uma provocação da Igreja, argumentando que se tratava de um encontro de contrarrevolucionários. A polícia cubana dispersou os participantes com tiros que acabaram por matar Arnaldo Socorro, um jovem de dezenove anos. No dia do enterro de Arnaldo, o governo cubano acusou a Igreja de ser conivente e reduto de contrarrevolucionários. A vista disso, centenas de sacerdotes foram presos em toda a ilha e no dia 17 de setembro, 132 sacerdotes foram expulsos de Cuba. “A deportação dos sacerdotes finalizou a possibilidade de uma ação contrarrevolucionária a partir de dentro da Igreja²¹”. (KENASTON, 2013, p. 63, tradução nossa). Essa medida consolidou a supremacia do poder da Revolução liderada por Fidel Castro e a eliminação por quase completa de forças contrarrevolucionárias que se encontravam na Igreja.

²⁰De esta manera la Iglesia, al quedar desvinculada de la enseñanza, vería diezmado su patrimonio, al tiempo que se resignaba a perder bajo prohibición gubernamental, algunas de sus principales tradiciones, como la celebración de la Semana Santa y la navidad

²¹The deportation of priests ended the possibility that the counter-revolutionary action might take place from within the Church.

Ao longo de toda década de 1960, o governo revolucionário continuou a executar ações que objetivavam a neutralização da Igreja. No ano de 1965, o estatuto do partido comunista trazia aspectos anti-religiosos, caracterizando a religião como algo obscuro e que deveria ser combatido. Por conseguinte, nenhum cidadão que expressasse sua fé publicamente tinha autorização para ingressar em cargos públicos e frequentar determinados cursos em universidades.

Na década de 1970, no primeiro Congresso do Partido Comunista Cubano discutiu-se a política relacionada com religião, Igreja e fieis. A posição sustentada pelo partido cubano continuava inalterada, porém um caso curioso chama a atenção: a Teologia da Libertação tinha a simpatia de Fidel Castro que via no movimento um grande aliado na luta contra o imperialismo e a classe burguesa. O Vaticano reprovava a Teologia da Libertação pela sua proximidade com ideias socialistas. O Cardeal Joseph Ratzinger, futuro Bento XVI, a pedido de João Paulo II estudou essa doutrina e publicou um documento em que direcionava duras críticas ao movimento latino-americano.

A consonância entre Igreja e Estado só começou a partir do ano de 1986 quando aconteceu o Encontro Nacional Eclesial Cubano (ENEC) onde a Igreja mostrou publicamente a disposição para um entendimento com o governo. Após o ENEC, foi lançado um documento na qual a Igreja dizia reconhecer todos os esforços do governo para proporcionar uma vida melhor para os cidadãos cubanos, como nas áreas de educação e saúde. Contudo a Igreja não deixou de mencionar a falta de liberdade que a mídia e a Igreja sofriam por parte do governo. Não houve um rechaço por parte do governo que mesmo com manifestações tímidas em relação ao documento, serviu como primeiro passo para a reconciliação entre Igreja e Estado.

Pelo histórico das relações entre Igreja cubana e governo revolucionário, é perceptível uma contradição na política seguida pela Santa Sé em relação ao comportamento do clero cubano que se mostrou altamente reacionário as principais medidas adotadas pelo governo. O órgão supremo da Igreja Católica, Santa Sé, preferiu adotar uma postura mais cautelosa como forma de impedir uma possível quebra de relações com Cuba. Na época de maiores tensões entre Igreja e Estado, ocorria o Concílio Vaticano II que pregava uma abertura da Igreja e maior diálogo com doutrinas não cristãs, isso de nada adiantou para acalmar os ânimos em Cuba onde nem Igreja ou Estado estavam dispostos a abrir mão da busca de seus interesses. Pela oposição ao governo cubano, a Igreja local, divergindo da postura adotada pela Santa Sé foi tachada pelo governo de “reduto de contrarrevolucionários”. Isso explicaria a afirmação

de Fidel Castro que afirmou que não foi uma luta contra a Igreja e sim uma luta de classes. (BETTO, 1985, p. 212).

4- AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE CUBA E SANTA SÉ: DOS PRIMEIROS ANOS DA REVOLUÇÃO CUBANA A 2012

Neste capítulo trataremos das relações diplomáticas entre Cuba e a Santa Sé dos primeiros anos da Revolução até 2012, ano da visita do Papa Bento XVI a ilha de Cuba, tratava-se da segunda visita papal. A primeira foi realizada por João Paulo II em 1998. Já vimos no capítulo anterior, algumas das mudanças das relações entre a Igreja local cubana e o governo da Revolução. A análise nessas páginas examinará a postura adotada pela diplomacia pontifícia que viram a manutenção do governo revolucionário na ilha de Cuba, além de evidenciar os motivos que fizeram com que tais relações se mantivessem não obstante a posição inicial da Igreja cubana.

Diante das mudanças advindas da Revolução, a Santa Sé adotou uma política mais cautelosa em relação a Cuba. O objetivo da diplomacia pontifícia era reconstruir e tentar recuperar para a Igreja cubana o espaço perdido por causa da Revolução. Ao mesmo tempo, era necessário resolver as grandes divergências entre o clero cubano e o novo governo de Cuba. Em 1962, a Santa Sé escolheu Cesare Zacchi para comandar a Nunciatura de Cuba, onde permaneceu até 1975. Por muitos anos, Zacchi ocupou o cargo de encarregado de Negócios²² da Santa Sé. Apenas em 1974, Zacchi seria promovido a Núncio²³ de Cuba. Essa atitude por parte da diplomacia pontifícia confirmou a sua cautela em relação a Cuba. Mesmo tendo sido encarregado de negócios da Santa Sé, Cesare Zacchi, de fato, desempenhou a função de um Núncio, tendo as mesmas prerrogativas e buscando os interesses do Vaticano. A função de um Núncio apostólico é manter a unidade da Igreja local com Roma e ter boas relações com o governo civil. Nessa última prerrogativa a atuação de Zacchi foi decisiva para a sobrevivência da Igreja em Cuba. O enviado da Santa Sé soube conduzir a delicada situação da Igreja em Cuba, pois a hipótese de um rompimento entre Santa Sé e Cuba se mostrava improvável. O grande desafio era as relações da Igreja cubana com o governo revolucionário. Zacchi procurava manter cordiais relações com o governo e isso trouxe ganhos para a Santa Sé que conseguiu a manutenção de suas relações com Cuba e manter viva a Igreja em Cuba. O trabalho da diplomacia pontifícia durante todo período até o fim da Guerra Fria estava

²² O Encarregado de Negócios da Santa Sé é agente de terceira classe na diplomacia pontifícia que pode representar a Santa Sé na eventual falta do Núncio.

²³ Núncio é o representante da Santa Sé nos países que mantém relações diplomáticas. O Núncio está equiparado ao Embaixador.

pautado em garantir um novo espaço para Igreja em Cuba e promover um *modus vivendi* com o governo revolucionário.

O governo revolucionário cubano mandou seu novo embaixador creditado a Santa Sé em 1962. O Papa João XXIII o aceitou sem nenhuma restrição. O novo embaixador de Cuba era Luis Amando Blanco, que se tornou decano do corpo diplomático creditado junto a Santa Sé. Há uma semelhança que merece ser evidenciada, pois Santa Sé e Cuba mantiveram seus primeiros diplomatas pós Revolução cubana por um período maior que o habitual em suas representações diplomáticas em Havana e Roma. Mesmo tratando-se de relações cautelosas e caracterizadas por certa desconfiança recíproca, ambos os lados fizeram com que durante todo o período da Guerra Fria houvesse uma convivência de saudável distância e que serviu para construir bases de uma relação mais sólida que veio a se desenvolver a partir do período pós Guerra Fria.

A posição que o governo socialista de Cuba adotou em relação a Santa Sé, se distinguiu dos demais da época. Cuba reconhecia a importância da Santa Sé e seus esforços em busca da paz. Em uma mensagem dirigida ao Papa Paulo VI²⁴, no ano de 1969, o embaixador de Cuba Luis Amando Blanco disse o seguinte: “Vossa existência tem um valor de primeira importância. Vossa pessoa é sagrada. Vossa pertença a família humana deve ser reconhecida, sem discriminação, em um plano de irmandade”²⁵. Blanco é lembrado como um dos grandes responsáveis pela estabilização e fortalecimento das relações de Cuba com a Santa Sé.

No primeiro ano da Revolução cubana, a grande preocupação da Santa Sé era a permanência da Igreja em Cuba. O grande temor do Papa era que Cuba acercando-se cada vez mais da cortina de ferro, agisse como os demais países socialistas e proibisse ou até mesmo extinguisse a Igreja em Cuba. Em uma mensagem enviada por João XXIII em razão do primeiro Congresso Nacional Católico em novembro de 1959 o Papa destaca o momento delicado da Igreja cubana e pede que a mesma se una em prol de sua permanência no país.

Muito esperamos de vossa Assembléia de Apostolado, os slogans desses dias para promover a união e a coordenação de todas as atividades apostólicas, na tentativa de salvar a face cristã de Cuba e de fortalecer suas tradições católicas, terão como

²⁴ Paulo VI foi eleito Papa em 21 de junho de 1963, seu pontificado durou até 06 de agosto de 1978 quando faleceu na residência de Castel Gandolfo.

²⁵ Luis Amado Blanco. Discurso del decano del cuerpo diplomático ante la Santa Sede. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/doyen/documents/rc_seg-st_19690111_doyen_sp.html>. Acesso em: 28 out. 2014. Tradução nossa.

denominador común e buscarão sua maior eficacia da caridade vivida por cada um de vocês e posta em prática de dentro de vossas organizações²⁶ (Tradução nossa)

Subsequente ao credenciamento do novo embaixador de Cuba a Santa Sé em 1962, ficou claro para o Vaticano que Cuba não pretendia o rompimento das relações diplomáticas. Ainda que houvesse muito que se trabalhar com o governo revolucionário, a década de 1960 foi de intenso esforço por parte da Santa Sé em reconstruir e redesenhar a Igreja cubana. No ano de 1967, o Papa Paulo VI, que sucedeu o Papa João XXIII em 1963, orientou a Igreja cubana a seguir as diretrizes do Concílio Vaticano II, visando a abertura do diálogo e fim dos contenciosos com o governo revolucionário. “(...) correspondendo ao mandado apostólico recebido, preocupai-vos em promover a renovação da vida religiosa dando atuação às deliberações do II Concílio Ecumênico do Vaticano”²⁷. (Tradução nossa). Nessa mesma carta, Paulo VI mostra que em cada lugar a Igreja possui uma forma específica de desenvolvimento de seu trabalho e que Cuba não fazia exceção a regra, precisando o clero se adaptar a nova realidade do país.

Lembrem-se com quanta insistência o Concílio Ecumênico pediu que se buscassem novas formas e métodos de apostolados, tais quais sejam mais apropriados e mais de acordo com os distintos ambientes. (...) As transformações profundas que se tem verificado nas estruturas de vosso país requer uma busca diligente dos métodos mais apropriados para os dias atuais²⁸. (Tradução nossa)

Havia dentro do seio da Igreja cubana um grande dilema entre os sacerdotes de permanecer ou não no país, depois de tantos desentendimentos com o governo e da expulsão de centenas de sacerdotes que na sua maioria eram espanhóis, mas também havia cubanos. Cesare Zacchi, representante da Santa Sé em Cuba, trabalhava arduamente no diálogo com sacerdotes, pedindo-lhes paciência e perseverança e que continuassem seu trabalho em Cuba. Paulo VI também pedia ao clero cubano para permanecerem com seu trabalho em Cuba mesmo com as dificuldades enfrentadas. Para o Papa o clero precisava ser forte e dar exemplo

²⁶Mucho esperamos de vuestra Asamblea de Apostolado Seglar; las consignas de estos días para promover la unión y coordinación de todas las actividades apostólicas, en el intento de salvar la faz cristiana de Cuba y de afianzar sus tradiciones católicas, tendrán como denominador común y recabarán su mayor eficacia de la caridad vivida por cada uno de vosotros y puesta en práctica en el seno de vuestras organizaciones. João XXIII. Mensaje de S.S. Juan XXIII em el Congreso Católico Nacional. Disponível em: <<http://www.vitral.org/vitral/edvitral/papas/6.htm>>. Acesso em: 28 out 2014.

²⁷ Paulo VI. Carta de S.S. Paulo VI a los obispos de Cuba con motivo de la IX Asamblea Plenaria de la Conferencia Episcopal. Disponível em: <<http://www.vitral.org/vitral/edvitral/papas/7.htm>>. Acesso em: 29 out 2014.

²⁸ Ibidem.

a população cubana que mesmo em tempos de adversidade não se deve perder a fé e que Cuba lhes fora confiada a fim de levar aquele povo aos caminhos cristãos²⁹.

Durante seu pontificado, Paulo VI enfrentou vários embates internos entre conservadores e progressistas. “Nessas circunstâncias, Paulo VI devia alternar abertura com conservadorismo num jogo diplomático ao qual estava acostumado pela sua trajetória precedente” (CARLETTI, 2012, p.137). Na carta aos bispos cubanos, o sumo pontífice mostrava a continuação da *Ostipolitk* iniciada por João XXIII. No lugar da recusa e condenação do socialismo, Paulo VI buscara o diálogo e o respeito mútuo entre as diferentes doutrinas.

A Igreja, em efeito, seguindo o exemplo de Cristo, nunca excluiu ninguém de seu amor materno e de suas amorosas preces. São estes conceitos e ideias que a Constituição Pastoral evoca com vigor e precisão de termos quando diz: Quem sente e trabalha de modo distinto ao nosso em matéria social, política e inclusive religiosa, deve ser também objeto de nosso respeito e amor. Quanto mais humana e caridosa for nossa compreensão íntima de sua maneira de sentir, maior será a facilidade para estabelecer com eles o diálogo³⁰. (Tradução nossa)

A escolha do representante pontifício pela Santa Sé nos primeiros anos da Revolução, mostrou a perspicácia da diplomacia pontifícia em relação a situação delicada de Cuba. O enviado papal, mesmo não deixando de lado seu caráter religioso, mostrou grande sabedoria política ao lidar com o governo revolucionário. Paradoxalmente, se a política externa adotada pela Santa Sé agradava o governo cubano, o mesmo não acontecia no interior da Igreja cubana, que muitas vezes os setores mais conservadores entraram em litígio com o representante do Santo Padre. Esse atrito, com a nunciatura, aconteceu na gestão de Cesare Zacchi que em 1962 assumiu o cargo de representante da Santa Sé no lugar do então Núncio Dom Luiz Centoz. A visão que o clero conservador cubano tinha era que Zacchi não estava preparado para ser representante do Papa, isso porque o novo representante pontifício não substituiu Dom Luiz com a mesma posição e sim, como Secretário Encarregado Interino da Santa Sé. Outro fator contribuía para o descaso com Zacchi foi de não ser bispo quando assumiu o cargo, foi somente em 1967 que foi nomeado bispo. As divergências continuaram ao longo dos anos a ponto de Zacchi por inúmeras vezes colocar seu cargo a disposição,

²⁹ Paulo VI. Carta de S.S. Paulo VI a los obispos de Cuba con motivo de la IX Asamblea Plenaria de la Conferencia Episcopal. Disponível em:< <http://www.vitral.org/vitral/edvitral/papas/7.htm>>. Acesso em: 29 out 2014.

³⁰ Ibidem.

entretanto a Santa Sé não cogitava essa opção, pois Zacchi mantinha excelentes relações com o governo revolucionário. Em 1974, o Papa Paulo VI nomeou Cesare Zacchi Núncio de Cuba. Não passado muito tempo, morreu em março 1975 Luis Amado Blanco Embaixador cubano e decano do corpo diplomático creditado a Santa Sé. Em junho de 1975, Dom Zacchi foi nomeado Reitor da Pontifícia Academia Eclesiástica no Vaticano. Para o lugar de Zacchi foi nomeado Núncio Dom Mário Tagliaferri³¹.

Como mencionamos antes, o governo revolucionário de Cuba continuou reconhecendo a importância da Santa Sé e em nenhum momento cogitou a ideia de romper relações. É importante ressaltar que a diplomacia do governo cubano não tem o costume de romper relações diplomáticas, característica comum com a diplomacia da Santa Sé. Em entrevista a Frei Betto, Fidel Castro disse que sempre observou como muito interesse a capacidade de ação política de um Papa. “(...) é preciso reconhecer que o Papa é um notável político, por sua mobilidade e por seu contato com as massas”. (CASTRO, 1985, 314). Mesmo tendo divergências com a Igreja cubana, sempre houve grande respeito entre Havana e Roma. Quando dos falecimentos dos Papas João XXIII, Paulo VI e João Paulo I, o governo de Havana decretou em cada um dos acontecimentos três dias de luto com todas as bandeiras do país a meio mastro.

A primeira visita de um Papa a Cuba ocorreu somente no ano de 1998, porém o governo revolucionário já mostrava desde finais da década de 1970 um interesse para uma possível visita do Papa João Paulo II³² a Cuba. Em 1979, na volta da Conferência Episcopal que ocorreu em Puebla, México, o Papa precisaria fazer uma escala antes de chegar a Roma. O governo de Cuba convidou o Papa para que pousasse em seu território para assim conhecer um pouco mais o país e os fieis cubanos. Todavia, houve um pedido também de exilados cubanos em Miami para que a escala acontecesse em solo americano, João Paulo II decidiu então em não fazer escalas em nenhum dos locais oferecidos, mas sim nas Bahamas. A atitude de João Paulo II evidenciava a compreensão da Santa Sé na delicadeza da situação das relações do papado que não poderia desagradar nem o governo americano, aliado estratégico do Papa com o qual tinha selado uma aliança que objetivava derrubar o socialismo do leste europeu, mais precisamente na Polônia, país natal do Papa. De fato, uma escala em Miami

³¹ Mario Tagliaferri foi ordenado sacerdote em cinco de agosto de 1950 e nomeado Núncio em cinco de março de 1970 quando atuou na República Centrafricana. Após Cuba, Tagliaferri foi Núncio no Perú, na Espanha e França onde faleceu em 21 de maio de 1999.

³² Karol Wojtyła foi eleito Papa em 16 de outubro de 1978 e escolheu o nome de João Paulo II. O Papa polonês ocupou o trono de São Pedro até o dia de sua morte em dois de abril de 2005.

poderia acarretar graves crises com o governo revolucionário cubano que considera a maioria dos cubanos exilados em Miami como contrarrevolucionários. Em uma declaração³³ Fidel Castro disse que não lhe agradou muito o Papa não ter pousado em Cuba, mas entendia o motivo de João Paulo II ter decidido fazer escala em um país com tão poucos católicos como as Bahamas.

Depois dessa situação não houve nos anos posteriores contatos para uma possível visita papal. Fidel Castro declarou em entrevista a Frei Betto em 1985 que uma visita do Papa a Cuba requereria muito mais preparo e empenho, uma vez que Cuba se trata de país revolucionário e socialista. Para Fidel Castro seria muito honroso saber do interesse do Papa em visitar Cuba e sabia que uma visita a ilha seria um ato de coragem, pois seria preciso levar em conta o que a principal potência, os Estados Unidos, pensariam sobre isso. Para Fidel, o Vaticano é um Estado altamente independente e que a visita do Papa deveria acontecer em condições mais propícias tanto para a Igreja quanto para Cuba. Além disso, a ida de um Papa a Cuba seria benéfica não somente para Santa Sé e Cuba, mas também para todos os países do terceiro mundo, uma vez que poderiam discutir e expor ideias para o combate dos males desses países.

O Papa Joao Paulo II, durante os anos finais da Guerra Fria teve um grande desempenho na luta contra o socialismo do leste europeu. A aliança com os Estados Unidos na figura de Ronald Reagan mostrava de que lado claramente se encontrava a Santa Sé. Não obstante, a forma como se mantinham as relações da Santa Sé e Cuba mostrava uma forma diferente de João Paulo II em lidar com a questão do socialismo na ilha de Cuba. O Papa não poderia correr o risco de se indispor com o único Estado que se convertera em socialista e em nenhum momento rompera relações diplomáticas com a Santa Sé. O modo como se davam as relações entre Santa Sé e Cuba mostrava uma realidade a parte da forma que a Santa Sé se relacionava com países socialistas, notoriamente o Leste europeu e a República Popular da China. Uma cordial saudação enviada por João Paulo II a Fidel Castro quando sobrevoava o espaço aéreo cubano na volta de Puebla dava claros sinais de um posicionamento distinto do sumo pontífice em relação ao socialismo do leste europeu.

Quando Cuba foi declarada um Estado socialista havia grande temor por parte da Santa Sé de que o governo agisse de forma semelhante ao governo da República Popular da China na tentativa de rompimento com Roma. Entretanto, desde o início o governo

³³ BETTO, Frei. Fidel e a Religião, p.314. 1985. Editora Brasiliense.

revolucionário mostrou distinção da forma de agir em relação a Igreja dos demais países, mesmo que tenha havido sérios confrontos. Em discurso proferido aos bispos cubanos no Vaticano, João Paulo II demonstra alívio ao fato da Igreja cubana ter mantido a unidade com Roma.

Esta acolhida se faz tanto mais cordial, porque conheço bem que, ainda em meio aos sacrifícios, a comunidade eclesial cubana conserva sua firme adesão a esta sede de Pedro. vive unida interiormente ao Bispo da Igreja e trata de seguir suas indicações com respeitosa e filial obediência na fé³⁴ (Tradução nossa)

Quando a Santa Sé conseguiu readaptar a Igreja a nova realidade, começaram as reivindicações de maior liberdade de ação para o clero cubano, que muitas vezes reclamava de perseguição e censura. Frente a essas reivindicações, Fidel Castro declarou que essa liberdade estava garantida na Constituição do país, mas admitiu que havia preconceitos e perseguições em relação a Igreja, mas que isso ocorria não pelo fato da religião em si mas por a Igreja ter representado os contrarrevolucionários. Fidel ainda disse que essa ojeriza que poderia existir contra a Igreja não era algo que o governo alimentava na população, pois qualquer tipo de discriminação está em desacordo com os princípios socialistas³⁵. Já na década de 1980 a Santa Sé conseguiu autorização do governo para que sacerdotes vindos de fora pudessem fortalecer o trabalho da Igreja em Cuba.

Aos bispos cubanos que visitavam o Vaticano em 1983, João Paulo II os explicava o porquê do posicionamento distinto da Santa Sé em relação ao socialismo do leste europeu e o de Cuba. O Papa disse que sempre devia se ter em conta que Cuba se encontrava em um contexto latino-americano que contava com características peculiares. Esse contexto latino-americano que fazia o Papa agir com mais cautela também estava ligado ao movimento da Teologia da Libertação que surgiu na América Latina onde a Igreja assumiu estar de lado dos menos favorecidos na luta contra a desigualdade social. O Vaticano via com grande desconfiança esse movimento, pois para Santa Sé havia grande proximidade com doutrinas marxistas. Paralelamente Fidel Castro mostrava grande admiração pela Teologia da Libertação.

³⁴ Esta acogida se hace tanto más cordial, porque conozco bien que, aun en medio de los sacrificios, la comunidad eclesial cubana conserva su firme adhesión a esta sede de Pedro, vive unida interiormente al Obispo de la Iglesia y trata de seguir sus indicaciones con respetuosa y filial obediencia en la fe. João Paulo II. Discurso del Papa Juan Pablo II a los obispos de Cuba en visita Ad Limina Apostolorum. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1983/june/documents/hf_jp-ii_spe_19830630_cuba-ad-limina_sp.html>. Acesso em: 06 nov 2014.

³⁵ BETTO, Frei. Fidel e a Religião, p.276. 1985. Editora Brasiliense.

A Santa Sé só viria a se pronunciar pela primeira vez contra o bloqueio estadunidense a Cuba em 1996, mas a posição da Igreja em favor de Cuba pode ser percebida bem antes. Em 28 de setembro de 1980, é nomeado como novo Núncio de Cuba Dom Giulio Einaudi. O novo enviado pontifício possuía um caráter progressista e de grande altivez. O representante papal participou no dia 14 de novembro de 1981 do Encontro Cristão de Igrejas e Movimentos Ecumênicos contra a intervenção norte-americana em Cuba. Nesse encontro os membros desaprovaram as atitudes e ameaças americanas contra Cuba. Essa atitude foi bem vista pelo governo que percebera que de fato estava acontecendo uma renovação na Igreja cubana. O governo revolucionário começara a dar sinais de aprovação ao trabalho da Santa Sé de reformular a Igreja em Cuba, quando em 31 de janeiro de 1985 no XI Plenário extraordinário do Comitê Central do Partido Comunista, foi aprovada a elevação a Central de Atendimentos de Assuntos Religiosos que funcionava dentro do departamento de Ciência, Cultura e Centros docentes, para departamento independente.

Em 1989, no discurso de credenciamento do novo embaixador cubano Fermín Rodríguez Paz, João Paulo II mais uma vez mostrou que a postura da Santa Sé sempre esteve pautada no diálogo com Cuba sem qualquer tipo de condenação. O Papa usava pontos do Concílio Vaticano II para explicar que a Igreja não estava ligada a nenhum tipo específico de civilização e nem a um sistema político e que isso lhe possibilitava construir vínculos fortes com qualquer tipo de país. No mesmo discurso, o Papa também citou sua preocupação com a dívida externa dos países em desenvolvimento, mostrando assim de certa maneira uma sintonia com o pensamento de Fidel Castro, que disse sempre estar disposto a discutir esse assunto com a Igreja. João Paulo II deixou claro que a Igreja cubana sempre vai estar a disposição do governo revolucionário para ajudar na promoção da bem estar e desenvolvimento de Cuba.

O ano de 1989 marcou grandes acontecimentos para o socialismo, o império soviético começava a se desmantelar e o futuro dos países socialistas estava incerto. A queda do muro de Berlim foi o símbolo do término do sistema bipolar, já em 1991 a União Soviética é oficialmente extinta. Nesse cenário de incertezas, a Santa Sé aproveitou da conjuntura política mundial e enviou logo a Cuba Roger Etchegaray, então presidente do Conselho Pontifício para Justiça e Paz. Etchegaray encontrou-se secretamente com Fidel Castro e tinha como missão fortalecer as relações diplomáticas com Cuba. Nessa reunião Castro e Etchegaray discutiram o papel da Igreja na ajuda aos mais necessitados, Fidel Castro também reiterou que João Paulo II seria muito bem vindo em Cuba.

Nesse período de relações diplomáticas entre Santa Sé e Cuba que vai de 1959 até 1989, ambos mostraram grande habilidade na condução de uma relação que antes do início da Revolução cubana, não tinha passado por grandes desafios. Houve a manutenção das relações com uma distância saudável que permitiu construir as bases para um segundo momento que é o pós Guerra Fria onde um reordenamento geopolítico nas relações internacionais, levou Cuba e Santa Sé a um fortalecimento de relações inédito.

4.1- Pós Guerra Fria: desafios e reordenamento diplomático

O fim da Guerra Fria trouxe a tona um novo reordenamento geopolítico em que já não existiam dois polos conflitantes de poder. A União Soviética se dissolvera e os Estados Unidos saíam como maior potência econômica e militar em um sistema que em um primeiro momento se caracterizou como unipolar, mas que ao longo da década de 1990 foi se transformando em um sistema multipolar com a formação de vários blocos econômicos.

A Santa Sé, assim como Cuba, precisava se readequar nesse novo cenário mundial. Com a queda da União Soviética a aliança entre Santa Sé e Estados Unidos enfraquecera. Dessa forma João Paulo II direcionou sua Política Externa tentando resgatar os valores religiosos de uma sociedade cada vez mais cética, principalmente a Europa. Mas o grande desafio estava a cargo de Cuba para sobreviver com seu sistema político em uma época onde parecia não haver mais espaço para o socialismo. João Paulo II, após o fim do socialismo no Leste Europeu, passou a criticar o neoliberalismo e o “capitalismo selvagem” praticado pelos países, objetivo que absorveu a maior parte de seu pontificado. Angelo Sodano, então Secretário de Estado do Vaticano, disse que para a Santa Sé em primeiro lugar vem o ser humano e que sua ajuda independe do sistema político em que quem necessita está inserido³⁶. “Em tais casos a diplomacia da Igreja escolheu ser a voz dos que não tem voz, uma nova força dentro do tradicional sistema de política internacional, um poder simbólico se opondo a poderes reais³⁷”. (ZIZOLA, 1998, s/p, tradução nossa). Nesse novo estilo diplomático, a Santa Sé deixa de lado as tradicionais alianças com grandes potências e passa a ficar do lado dos

³⁶ ZIZOLA, Giancarlo. The Vatican's new weapons. *Le monde Diplomatique*. Disponível em: <<http://mondediplo.com/1998/01/01vatican>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

³⁷In such cases the Church's diplomacy has chosen to be the voice of those Who no have voice, a new force within the traditional system of international politics, a symbolic Power opposing real powers.

mais necessitados. Cuba em um momento de grande debilidade soube usar essa nova postura da Santa Sé ao seu favor.

O fim da União Soviética trouxe graves problemas para a economia cubana que era altamente dependente do mercado da União Soviética. O PIB sofreu grande encolhimento nos primeiros anos da década de 1990. Mas a crise que o governo cubano passava ia muito além de fatores econômicos, era uma crise de legitimidade. O governo revolucionário percebeu que precisava promover profundas mudanças para sobreviver em um Sistema Internacional em que preponderava a hegemonia estadunidense. O governo americano acreditava que com a fragilidade que Cuba estava passando, não sobreviveria muito tempo, então decidiu reforçar o estrangulamento econômico do bloqueio com a Lei Torriceli de 1992, e posteriormente, com o “Cuban Liberty Acty” mais conhecido como Lei Helms-Burton de 1996. Essas leis ampliavam a proibição de empresas dos Estados Unidos de negociarem com Cuba e davam poder ao presidente dos Estados Unidos de punir com sanções econômicas qualquer país que promovesse algum tipo de ajuda a Cuba. Esse período de maior crise da história de Cuba foi chamado por Fidel de “Período especial em tempos de Paz”.

Nesse período de incertezas e instabilidades, Santa Sé e governo revolucionário promoveram um estreitamento de suas relações com objetivos distintos. Quando o colapso do mundo além da cortina de ferro mostrava-se inevitável, Roger Etchegaray, um dos mais poderosos homens do Vaticano da época, encontrou-se com Fidel Castro com o propósito de um fortalecimento das relações diplomáticas. A Santa Sé objetivava participar ativamente de uma possível transição de sistema e governo em Cuba, garantindo assim um lugar de destaque para a Igreja na nova sociedade cubana. Por outro lado, o governo de Cuba remodelava sua Política Externa na busca de novos parceiros comerciais. A diplomacia cubana estava pautada em demonstrar a legitimidade de seu governo perante a sociedade internacional. Nesse quesito a Santa Sé representava grande atração a Cuba como um importante sujeito internacional que ajudaria o governo cubano a melhorar sua imagem perante as demais nações. A Santa Sé passa a apoiar o governo cubano com a condição de que se leve a cabo as reformas necessárias no país, enfatizando maior liberdade econômica e religiosa. A diplomacia cubana se mostrou bem sucedida e eficaz ao evitar seu isolamento ao estabelecer uma nova rede de aliados internacionais. Silva e Johnson (2010 p.157) falam da “emergência de uma “Diplomacia Social”, como uma estratégia importante para ampliação e o fortalecimento de laços políticos”.

A Santa Sé sempre que oportuno fazia questão de reinterar seu apoio e abertura ao diálogo com o governo cubano. Não obstante, João Paulo II frisava a importância da liberdade religiosa em Cuba e clamava ao governo revolucionário a permitir uma maior participação de católicos em cargos governamentais. Em seu discurso a Hermes Herrera, novo embaixador de Cuba ante a Santa Sé a partir de 1992, João Paulo II dizia o seguinte:

Quero reiterar senhor Embaixador, a decidida vontade da Santa Sé e da Igreja em Cuba de colocar tudo o que estiver em seu poder para favorecer o clima de diálogo e melhor entendimento com as autoridades e as diversas instituições de seu país. A isso, contribuirão, sem dúvida, os propósitos anunciados de eliminar na normativa, assim como na atividade administrativa, tudo aquilo que suponha uma discriminação ou menor consideração aos cidadãos que professam sua fé e que querem contribuir lealmente para a prosperidade espiritual e material da Nação³⁸ (Tradução nossa)

Em contrapartida, Cuba não deixava de expressar as dificuldades que estavam atravessando no “Período especial”, a fim de conseguir apoio por parte da Santa Sé. O Papa por sua vez mostrava a posição de ajuda por parte da Santa Sé para superar aquele momento difícil.

Igualmente, o senhor quis se referir as difíceis circunstâncias que atravessa seu país, fruto das profundas mudanças ocorridas no âmbito das relações internacionais. A Igreja, fiel a sua missão a favor das grandes causas do homem, se mostra sempre disposta a cooperar para satisfazer as necessidades morais e materiais da pessoa humana. Por isso, formulo votos para que seu país, graças a um clima de maior diálogo e colaboração internacional possa superar as dificuldades presentes. Nesse sentido, a Santa Sé não deixa de se interessar e oferecer seu apoio³⁹ (Tradução nossa)

Em setembro de 1993, os bispos cubanos publicaram uma mensagem intitulada “*El amor todo lo espera*” em que se falava dos problemas que a sociedade cubana estava

³⁸Quiero reiterar-le, Señor Embajador, la decidida voluntad de la Santa Sede y de la Iglesia en Cuba de poner todo lo que esté de su parte por favorecer el clima de diálogo y mejor entendimiento con las Autoridades y las diversas instituciones de su país. A ello, contribuirán, sin duda, los propósitos anunciados de eliminar en la normativa, así como en la actividad administrativa, todo aquello que suponga una discriminación o menor consideración de los ciudadanos que se profesan creyentes y que quieren contribuir lealmente a la prosperidad espiritual y material de la Nación. João Paulo II. Discurso del Santo Padre Juan Pablo II Al Señor Hermes Herrera Hernández, nuevo embajador de Cuba ante la Santa Sede. Disponível em:< http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1992/march/documents/hf_jp-ii_spe_19920302_amb-cuba_sp.html>. Acesso em: 10 nov. 2014.

³⁹Igualmente, ha querido Usted referirse a las difíciles circunstancias que atraviesa su país, fruto de los profundos cambios acaecido en el ámbito de las relaciones internacionales. La Iglesia, fiel a su misión a favor de las grandes causas del hombre, se muestra siempre dispuesta a cooperar para satisfacer las necesidades morales y materiales de la persona humana. Por ello, formulo votos para que su país, gracias a un clima de mayor dialogo y colaboración internacional, pueda superar las dificultades presentes. En este sentido, la Santa Sede no ha dejado de interesarse y ofrecer su apoyo . João Paulo II. Discurso del Santo Padre Juan Pablo II Al Señor Hermes Herrera Hernández, nuevo embajador de Cuba ante la Santa Sede. Disponível em:< http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1992/march/documents/hf_jp-ii_spe_19920302_amb-cuba_sp.html>. Acesso em: 10 de Nov, 2014.

passando e que para resolvê-los era preciso a participação de toda sociedade e a promoção de mudanças políticas a partir da reconciliação com os exilados políticos. O governo não aprovou essa mensagem do clero cubano. Para resolver o início de uma possível divergência, a Santa Sé enviou a Cuba mais uma vez Roger Etchegaray em dezembro do mesmo ano. Etchegaray e Fidel Castro se reuniram e discutiram pontos sensíveis a Cuba como a recuperação da sociedade Cubana e a reconciliação e o fim do embargo estadunidense. De acordo com Gagliarducci (2012, s/p, tradução nossa) “O líder máximo pareceu aceitar o papel da Santa Sé como um parceiro confiável para o diálogo sobre o futuro de Cuba⁴⁰”.

Fidel Castro seguiu em frente com a sua decisão de buscar no Vaticano o apoio que necessitava. Em 1994, depois de chegar da cúpula ibero-americana que aconteceu em Cartágena, Colômbia, o líder cubano anunciou aos membros do partido comunista que estava planejando ir ao Vaticano com a intenção de convidar João Paulo II a fazer uma visita a Ilha. Fidel Castro nunca escondeu sua admiração por João Paulo II e nos primeiros anos da década de 1990 fez questão de deixar sua admiração mais evidente ao próprio Papa. Quando anunciou que visitaria ao Papa, Fidel deixou muito desconfiado membros do Partido Comunista Cubano, pois para eles, o Papa representava uma grande força na luta contra o socialismo. O próprio Fidel Castro mantinha suas reservas em relação a postura do Papa em relação ao socialismo, porém Cuba passava por uma momento muito delicado. A mídia internacional constantemente alardeava o fim da Revolução cubana. Dessa forma, o país tinha dificuldades em atrair o investimento estrangeiro que era crucial para a sobrevivência de Cuba. A busca na época de divisas era uma tentativa de suprir o vácuo que a União Soviética havia deixado. A visita do Papa poderia melhorar a imagem de Cuba perante a comunidade internacional, dando de certa forma legitimidade a um regime enfraquecido que estava tentando se reinserir nas relações internacionais.

A diplomacia vaticana no mesmo período também demonstrava seu interesse de uma reaproximação com cuba. Em julho de 1994, Bernardin Gantin, Prefeito da Congregação de Bispos e Presidente da Comissão Pontifícia para América Central na época, teve uma reunião privada com Fidel Castro por duas horas na Nunciatura em Cuba. Nesse encontro também esteve presente Jaime Lucas Ortega y Alamino, Arcebispo de Havana. Alamino no mesmo ano foi consagrado Cardeal pelo Papa João Paulo II, o primeiro desde o início da Revolução Cubana. Esse gesto do Papa foi interpretado como um sinal de concórdia e aproximação com

⁴⁰The líder máximo seemed to accept the role of the Holy See as a credible partner for the dialogue about the future of the Cuba.

Cuba e Fidel Castro. O líder cubano percebeu a importância do gesto do Vaticano e permitiu que 2500 fieis cubanos viajassem a Roma para a cerimônia oficial de consagração de Alamino. Além disso, Fidel Castro enviou um dos mais altos oficiais do governo para lhe representar na cerimônia que aconteceu no Vaticano. Uma vez em Roma, o Cardeal Gantin encontrou-se com João Paulo II e relatou as mudanças que estavam ocorrendo no país. Gantin também salientou que a Igreja em Cuba gozava de mais liberdade e que por isso a ideia de uma visita a Cuba deveria ser amadurecida. Ademais, a conjuntura da época caracterizada pela demanda de mudanças por parte da população sugeria que a presença da Santa Sé iria beneficiar a situação da Igreja Católica local.

No ano de 1996, as sanções advindas do embargo econômico imposto a Cuba pelos Estados Unidos foi aprofundada com o “*Helms-Burton act*”. Naquele contexto, a Santa Sé condenou publicamente pela primeira vez o bloqueio imposto a Cuba. Dom Roger Etchegaray, um dos homens mais fortes do Vaticano na época, disse que muitos pontos da *Helms-Burton* são legalmente questionáveis. Naquela conjuntura, a Santa Sé reforçou junto com outros organismos e países, a contestação à legitimidade do bloqueio a Cuba. Nesse mesmo ano aconteceu em Roma a Cúpula da Organização das Nações Unidas para alimentação e Agricultura (FAO) onde esteve presente o Papa João Paulo II no discurso da Sessão Inaugural e de Fidel Castro que realizou um dos discursos mais aclamados da cúpula.

Além de cumprir todos seus compromissos na Cúpula da FAO, Fidel Castro realizou uma visita histórica ao Papa João Paulo II. A visita de Fidel ao Papa foi considerada a mais importante do Vaticano desde o encontro de João Paulo II com o último líder da União Soviética Mikhail Gorbachev em 1989. João Paulo II e Fidel Castro estiveram em uma reunião fechada na biblioteca papal em torno de 35 minutos. Nessa audiência não foi permitida a presença de repórteres como normalmente acontece. O sumo pontífice e o líder cubano discutiram temas como liberdade religiosa, situação de Cuba e dos demais países do terceiro mundo. Nessa reunião, João Paulo II e Fidel Castro discutiram sobre abertura de Cuba. Para o líder cubano as mudanças precisariam ser cautelosas por causa da grande pressão sofrida pelos Estados Unidos. Mas o mais importante fruto dessa visita foi a aceitação do Papa ao convite de Fidel para visitar Cuba. A data da visita que não tinha sido previamente escolhida ficou a critério do Pontífice. Ao se despedir do Papa Fidel disse ao sumo pontífice que esperava vê-lo em breve⁴¹. A visita foi classificada pelo Vaticano como particular, apesar

⁴¹ Los Angeles Times. Pope meets with Castro, Agrees to a Cuba Visit. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1996-11-20/news/mn-995_1_fidel-castro>. Acesso em: 10 nov. 2014.

de ter tido todas as características de uma visita oficial. Fidel Castro visitou o Vaticano em um forte esquema de segurança em uma comitiva de dezesseis carros. Depois do encontro com o Papa, Fidel visitou diversas áreas do Vaticano e teve um encontro com Angelo Sodano, então Secretário de Estado do Vaticano, e com outros cardeais. Tanto o Vaticano quanto o governo de Cuba alegaram que não foram impostas condições para a visita do Papa⁴².

Em meio a todos esses acontecimentos, João Paulo II decidiu se envolver diretamente nos assuntos diplomáticos que envolviam Cuba, entretanto o Papa resolveu fazer isso de forma mais discreta. João Paulo II adotou uma postura semelhante a que adotara com seu país, a Polônia, na época da transição do socialismo para o sistema democrático. O diálogo da Santa Sé com o governo cubano teve um grande crescimento. Nesse contexto, o Papa tentou construir uma ponte de diálogo entre Havana e Washington, buscando assim um entendimento entre os governos que pudesse acabar com o embargo a Cuba e também a favor de uma possível pacífica transição a democracia que era o grande desejo de João Paulo II.

Em dezembro de 1997, Fidel Castro anunciou no Parlamento cubano que o Papa faria a visita a Cuba de 21 a 25 de janeiro de 1998. Entretanto, o que causou grande surpresa a todos foi o anúncio de Castro de que a celebração de Natal seria reestabelecida depois de 28 anos suspensa. O governo revolucionário quando suspendeu o feriado de Natal, alegou motivos econômicos, pois segundo ele a época do Natal era a melhor fase da colheita da cana de açúcar. O reestabelecimento das comemorações natalinas foi um pedido de João Paulo II, pedido que não teve nenhum inconveniente econômico para Cuba, pois o açúcar já não possuía mais o mesmo peso econômico de outrora.

Fidel Castro passou divulgar a visita do Papa como um grande acontecimento para o país, dizendo que a visita papal se mostrava um grande êxito para a Revolução Cubana. Castro concedeu 15 minutos na televisão para que o Arcebispo de Havana falasse sobre a visita papal. O próprio líder cubano, dias antes de João Paulo II chegar a Cuba, compareceu na televisão exaltando a visita de João Paulo II. Em seu longo pronunciamento na televisão Fidel Castro tratou de mostrar o Papa como um grande companheiro de Cuba e uma das “maiores dores de cabeça do imperialismo”, o líder cubano afirmou que o Papa é um crítico ferrenho do neoliberalismo. Fidel Castro também desconstruiu a imagem de que João Paulo II era um dos grandes responsáveis pela queda do socialismo no leste europeu. Ao final de seu

⁴² Los Angeles Times. Pope meets with Castro, Agrees to a Cuba Visit. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1996-11-20/news/mn-995_1_fidel-castro>. Acesso em: 10 nov. 2014.

discurso, Fidel disse que quem pensa que o Papa liquidaria com a Revolução Cubana, realmente não conhecia seu pensamento. Castro então convidou todos os membros da sociedade para participarem das missas que o Papa realizaria em Cuba. Depois dessa transmissão Fidel Castro conseguiu transformar João Paulo II em um ícone para o povo cubano⁴³.

Em mensagem ao povo cubano em dezembro de 1997, João Paulo II mostrava grande satisfação com o reestabelecimento das festividades natalinas. O Papa também mostrou grande entusiasmo para visita a Cuba, afirmando, porém, que sua viagem a Cuba não estava atrelada a críticas políticas ou algo parecido.

Queridos cubanos ao aproximar o momento de beijar sua terra, meu chamado se dirige a todos sem distinção de credo, ideologia, raça, opinião política ou situação econômica. Desejo que minhas palavras cheguem tanto aos que tem a grande responsabilidade de dirigir os destinos da Nação como aos cidadãos mais simples, desejando a cada um prosperidade, felicidade e paz⁴⁴ (Tradução nossa)

Ao prosseguir sua mensagem João Paulo II continuou pedindo, maior liberdade para a Igreja cubana.

Espero que depois da minha visita, a Igreja seja capaz de dar público testemunho de sua fé em Cristo e de sua dedicação a causa do homem em torno do Sucessor do Apostolo Pedro, possa seguir dispondo cada vez mais da liberdade necessária para sua missão e dos espaços adequados para levar a cabo plenamente e seguir prestando assim seu serviço ao povo cubano⁴⁵ (Tradução nossa)

No dia 21 de janeiro, João Paulo II iniciou sua visita a Cuba, único país latino-americano que não havia ainda visitado. João Paulo II foi recepcionado por Fidel Castro e demais autoridades do governo e da Igreja no aeroporto internacional José Martí. Nesse mesmo local, João Paulo II e Fidel Castro discursaram na cerimônia de boas vindas ao Papa. Em seu discurso João Paulo II agradeceu ao presidente Fidel Castro pela oportunidade de

⁴³ GONZÁLES, Ángel Tomás. El Papa de Fidel y el Papa de Raúl Castro. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/america/2012/03/23/cuba/1332533984.html>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

⁴⁴ Queridos cubanos, al acercarse el momento de besar su tierra, mi llamado se dirige a todos, sin distinción de credo, ideología, raza, opinión política o situación económica. Quisiera que mi palabra llegase tanto a los que tienen la grave responsabilidad de dirigir los destinos de la Nación como a los ciudadanos más sencillos, deseándoles a cada uno prosperidad, felicidad y paz. João Paulo II. Mensaje de Juan Pablo II al pueblo cubano. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1997/december/documents/hf_jp-ii_spe_19971229_fedeli-cuba_sp.html>. Acesso em: 12 nov. 2014.

⁴⁵ Espero que después de mi visita, la Iglesia, que habrá podido dar público testimonio de su fe en Cristo y de su dedicación a la causa del hombre en torno al Sucesor del Apostol Pedro, pueda seguir disponiendo, cada vez más, de la libertad necesaria para su misión y de los espacios adecuados para llevarla a cabo plenamente y seguir prestando así su servicio al pueblo Cubano. Ibidem.

visitar Cuba e disse que esperou ansiosamente por esse momento. O Papa também lembrou as dificuldades enfrentadas pela Igreja em Cuba e agradeceu ao povo cubano por se manter fiel a Igreja de Roma. João Paulo II fez votos para que houvesse uma maior liberdade em Cuba, mas o auge do seu discurso foi com a frase: “Que Cuba, com todas suas magníficas possibilidades, se abra ao mundo e o mundo se abra a Cuba⁴⁶”. João Paulo II sempre defendeu uma abertura econômica para Cuba.

Em contrapartida, Fidel Castro, em seu discurso, pontuou as raízes dos problemas da América Latina, do bloqueio econômico e dos pontos convergentes entre Cuba e Santa Sé.

Hoje, Santidade, novamente se tenta o genocídio, pretendendo render por fome, doenças e total asfixia econômica um povo que se nega a se submeter aos mandos e ao império da mais poderosa potência econômica, política e militar da história (...) Santidade, pensamos igual a você em questões muito importantes do mundo atual, e isso nos satisfaz grandemente, em outras nossa opiniões se diferem mas temos grande respeito pela forte convicção que defende suas ideias⁴⁷. (Tradução nossa)

Ao discursar para o Papa, Fidel Castro não pretendia falar somente para o Pontífice, mas para o mundo, um discurso em que a comunidade internacional acompanhou com grande atenção. Um momento propício de mostrar ao mundo que seu governo continuava legítimo e que a Revolução não acabara.

Durante sua visita a Cuba, João Paulo II pôde se mover livremente pelo país. Durante os cinco dias que esteve em Cuba abordou todos os temas de interesse da Igreja. Em sua primeira Homilia em Santa Clara, João Paulo II criticou o aborto que é legalizado em Cuba. Em várias de suas falas o Papa fez questão de enfatizar o que já vinha repetindo há tempos, que a Igreja não se identifica com nenhum tipo de cultura e ideologia específica.

João Paulo II usou da figura de Padre Félix Varela, herói da independência cubana, para mostrar que a religião não deve ser ausente no país, que é extremamente importante para

⁴⁶ João Paulo II. Discurso na Cerimônia de chegada, no aeroporto de Havana. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/january/documents/hf_jp-ii_spe_19980121_lahavana-arrival_po.html>. Acesso em: 12 de Nov. 2014.

⁴⁷ Hoy, Santidad, de nuevo se intenta el genocidio, pretendiendo rendir por hambre, enfermedad y asfixia económica total a un pueblo que se nega a someterse a los dictados y al imperio de la más poderosa potencia económica, política y militar de la historia (...) Santidad, pensamos igual que usted en muchas importantes cuestiones del mundo de hoy y ello nos satisface grandemente, en otras, nuestras opiniones difieren, pero rendimos culto respetuoso a la convicción profunda con que usted defiende sus ideas. Fidel Castro. Discurso de Bienvenida a su Santidad Juan Pablo II. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1998/esp/f210198e.html>>. Acesso em: 12 de Nov. 2014.

a formação de uma identidade nacional⁴⁸. A questão dos exilados políticos também foi abordada pelo Pontífice que pediu uma reconciliação com Cuba. João Paulo II não deixou de criticar sutilmente o socialismo pelo seu caráter ateu e disse que um Estado deve ser livre de qualquer tipo de fanatismo e promover uma legislação harmônica em que todos possam professar seus credos livremente. Entretanto, João Paulo II fez questão de uma crítica aberta ao neoliberalismo, falando dos males que esse sistema subordina nações mais pobres, além disso, condenou o bloqueio econômico. O Papa reivindicou o direito da Igreja ao ensino em Cuba e disse que nenhum Estado laico deve temer a ação da Igreja. João Paulo II acreditava que Cuba passaria ainda por maiores mudanças e dessa forma sempre deixou clara a posição da Santa Sé de ser um suporte nessa possível transição que o país passaria.

Em seu discurso de despedida João Paulo II mais uma vez defendeu uma maior abertura de Cuba e criticou o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos.

Nos nossos dias nenhuma Nação pode viver sozinha. Por isso, o povo cubano não deve ver-se privado dos vínculos com os outros povos que são necessários para o progresso econômico, social e cultural, sobretudo quando o isolamento forçado se repercute de maneira indiscriminada sobre a população, fazendo aumentar as dificuldades dos mais débeis, em aspectos fundamentais como alimentação, saúde e a educação. (...) Desta maneira se contribuirá para superar a angústia causada pela pobreza material e moral, cujas causas podem ser, entre outras, as injustas desigualdades, as limitações das liberdades fundamentais, a despersonalização e o desencorajamento nos indivíduos, e as medidas econômicas restritivas impostas do exterior do país, injustas e eticamente inaceitáveis⁴⁹

Por sua vez, Fidel Castro, em seu discurso de despedida ao Papa tratou de salientar que ao contrário do que muitos pensavam, Cuba continuaria de pé em seu sistema político. Ao falar das calúnias que Cuba vinha sofrendo, Castro comparou seu país aos cristãos primitivos que eram perseguidos pelo Império Romano e quando tocou no assunto do bloqueio estadunidense, o presidente Cubano citou Davi e Golias como exemplo. Fidel Castro frisou que com a visita do Papa, Cuba atraiu a atenção internacional como nunca antes em sua história. E que dessa forma “Cuba não conhece o medo, despreza a mentira; escuta com

⁴⁸ João Paulo II. Discurso no encontro com o mundo da cultura, na Universidade de Havana. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/january/documents/hf_jp-ii_spe_19980123_lahavana-culture_po.html>. Acesso em: 19 nov. 2014.

⁴⁹ João Paulo II. Discurso na cerimônia de despedida, no aeroporto de Havana. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/january/documents/hf_jp-ii_spe_19980125_lahavana-departure_po.html>. Acesso em: 19 nov. 2014.

respeito; crê em suas ideias; defende inabalavelmente seus princípios e não tem nada a esconder do mundo⁵⁰.

A visita do Papa foi considerada um sucesso tanto pela Santa Sé quanto por Cuba. Através da visita papal, Fidel Castro conseguiu uma grande oportunidade para desmentir boatos de que a Revolução não suportaria a crise instaurada com o fim da Guerra Fria. Tanto Cuba como a Igreja Católica lograram grandes vantagens com a visita de João Paulo II. A Igreja pôde estender sua rede de atuação no país com a criação de mais seminários e dioceses. Já Cuba conseguiu mudar, pelo menos em parte, sua imagem perante o sistema internacional. Isso lhe facilitou acesso a empréstimos e atração de investimentos. Logo após a visita do Papa, nos últimos dois anos da década de 1990, Santa Sé e Cuba continuaram a trabalhar no estreitamento das relações, entretanto a visita do Papa foi o último grande acontecimento diplomático entre Santa Sé e Cuba na década de 1990. Em 1999 João Paulo II recebeu as credenciais do novo embaixador cubano e em seu discurso manteve sua linha de raciocínio ao continuar pedindo reformas mais profundas em Cuba e condenando o embargo estadunidense.

A partir da década de 2000, novos acontecimentos em Cuba ditaram os caminhos tomados nas relações com a Santa Sé. Nos primeiros anos da década de 2000, Cuba foi acusada pela comunidade internacional de desrespeito aos direitos humanos. Houve intensos confrontos na ilha caribenha com o governo decretando penas de morte e muitos anos de prisão aos opositores do governo. A diplomacia pontifícia esteve em constante contato com o governo cubano para interceder por presos políticos e conseguir sua libertação. A Santa Sé orientou a Igreja cubana a ponderar suas críticas ao governo a fim de não por em risco a melhora das relações com o Estado. Nessa nova fase, a Santa Sé passou de certa forma a ser interlocutora de Cuba em muitos casos no cenário internacional e a Igreja cubana passou a intermediar os diálogos entre cubanos e governo. Nunca antes na história de Cuba houve uma harmonia tão grande entre Igreja e Estado. Esse foi sem dúvida o resultado de um trabalho minucioso que a Santa Sé vem operando desde a vitória dos revolucionários em Cuba. O bom nível das relações entre Vaticano e Havana levou a Igreja a gozar de grande prestígio perante o governo cubano. Não obstante, é importante salientar que essa posição, que adotaram Santa

⁵⁰Cuba no conoce el miedo, desprecia la mentira; escucha con respecto; cree en sus ideas; defiende incommovible sus principios y no tiene nada que ocultar al mundo . Fidel Castro. Discurso pronunciado por el Comandante en jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado e de Ministro, en la ceremonia de despedida a su Santidad Juan Pablo II, efectuada en el aeropuerto internacional “Jose Martí”, en ciudad de La Habana, , el 25 de enero de 1998. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1998/esp/f250198e.html>>. Acesso em: 19 nov 2014.

Sé e Igreja cubana, foi alvo de grandes críticas principalmente por parte de opositores a Cuba que acusaram o Vaticano de fechar os olhos para os erros do governo cometidos em Cuba⁵¹.

Em 2002, Oswaldo Payá, fundador do Movimento Cristão de Libertação (MCL)⁵², consegue onze mil assinaturas para o Projeto Varela que pedia ao governo reformas mais profundas na política e economia. Essas assinaturas foram entregues ao governo cubano que não recebeu de bom grado as assinaturas. Em um contra-ataque, o governo cubano alega ter recolhido oito milhões de assinaturas dos cidadãos cubanos que são contra as reformas defendidas pelo Projeto Varela. Esses números são contestados pelos opositores do governo que o acusaram de forjar as assinaturas. Pouco tempo depois, Cuba passa por um episódio conhecido como a “primavera negra” em que o governo prende 75 opositores que são condenados a quase trinta anos de prisão. Com essas prisões, surge um novo movimento opositor em Cuba, “as damas de branco” que são mulheres e familiares que reivindicam a libertação dos presos políticos. Esse não foi o único acontecimento que colocou Cuba em foco em uma época em que as atenções estavam voltadas para a Guerra no Golfo Pérsico. Uma balsa cubana com 50 pessoas foi sequestrada e obrigada a seguir rumo aos Estados Unidos, onde os sequestradores pediram asilo político. Entretanto no meio do caminho a balsa ficou sem combustível e retornou a Cuba escoltada pela guarda costeira cubana. Os sequestradores então foram presos, e em um julgamento rápido, três dos sequestradores foram condenados à morte, um a prisão perpétua e outro a trinta anos de prisão. Cuba alegou que todos os direitos dos opositores foram respeitados e que as penas foram mantidas pela defesa nacional.

Nesse contexto, a Santa Sé não poderia deixar de se manifestar e o então Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Angelo Sodano disse que João Paulo II mantinha sua confiança em Fidel Castro e que acreditava que o presidente cubano implementaria as reformas necessárias no país. A Santa Sé declarou estar em total desacordo com as condenações impostas por Cuba e que buscava defender os direitos desses presos. A declaração de Angelo Sodano mostrava perfeitamente o funcionamento da diplomacia pontifícia com Cuba quando disse que o diálogo com Cuba continuaria através do Núncio apostólico e principalmente na pessoa de Jaime Ortega, Arcebispo de Havana, que se tornou uma das principais figuras na

⁵¹ El Confidencial. El Papa “abandono a su rebaño” en Cuba “y preferió reunirse con los lobos. Disponível em: <<http://www.elconfidencial.com/mundo/2012/03/31/el-papa-abandono-a-su-rebano-en-cuba-y-preferio-reunirse-con-los-lobos-95356>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

⁵² Apesar do nome, o MCL não tem nenhuma ligação formal com a Igreja de Cuba.

intermediação para libertação de presos políticos em Cuba. Em sua declaração⁵³ o Secretário de Estado do Vaticano disse ainda que João Paulo II não se arrependera da confiança que havia depositado em Fidel Castro. Essa posição da Santa Sé surpreendeu muitos Estados que esperavam uma crítica mais dura do Papa.

No ano de 2005, mais precisamente em janeiro, João Paulo II faz seu último discurso⁵⁴ direcionado a Cuba. Na ocasião o Papa havia recebido as credenciais do novo embaixador cubano Raul Roa Kourí. Em sua fala, o Papa elogiou os esforços e conquistas de Cuba na área de educação e saúde. João Paulo II também elogiou Cuba por seu espírito solidário, estando sempre disposta a enviar pessoas e ajudas materiais aos mais necessitados. O Papa também voltou a defender a liberdade religiosa e disse que a Santa Sé estava disposta em reunir todos os cubanos em um diálogo. Nessa última passagem, João Paulo II buscava uma reconciliação e uma solução ao problema que afetava tantas famílias em Cuba que foram separadas por conta da Revolução. O Papa também não deixou de citar que a Santa Sé esperava a superação dos obstáculos que impediam o intercâmbio de Cuba com uma parte do mundo, ou seja, o bloqueio estadunidense.

Não muito tempo depois, João Paulo II, já num estado de saúde extremamente debilitado, morre no dia 2 de abril de 2005. Quando anunciado pelo Vaticano a morte de João Paulo II, Cuba foi um dos primeiros países a se pronunciar sobre o caso. O chanceler cubano Felipe Pérez Roque classificou João Paulo II como um grande amigo de Cuba e lembrou a grande luta do Papa contra o neoliberalismo e sua posição contrária ao bloqueio estadunidense. Fidel Castro não demorou a se manifestar ao enviar uma mensagem ao Camerlengo Cardeal Eduardo Martínez Somalo onde expressou o pesar pela morte do Papa e lembrou o grande trabalho de João Paulo II a favor dos pobres. Fidel Castro também se recordou da visita de João Paulo a Cuba, dizendo que foi um marco para as relações de Cuba com a Santa Sé e que tal visita ficaria para sempre na memória do povo cubano. Cuba decretou luto oficial de três dias onde foram suspensas todas as festividades e atividades de ensino. Essa atitude por parte do governo cubano demonstrou as boas relações e grande respeito em relação a Santa Sé. Fidel Castro também esteve presente em uma missa funeral na Catedral de Havana celebrada pelo Cardeal Jaime Ortega e pelo Nuncio em Cuba Luigi

⁵³ Emol Mundo. Papa afirma que confia em Fidel Castro para la democratización de Cuba. Disponível em: <<http://www.emol.com/noticias/internacional/2003/04/30/111221/papa-afirma-que-confia-en-fidel-castro-para-la-democratizacion-de-cuba.html>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

⁵⁴ João Paulo II. Discurso do Papa João Paulo II ao senhor Raul Roa Kourí, novo Embaixador de Cuba. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2005/january/documents/hf_jp-ii_spe_20050108_ambassador-cuba_po.html>. Acesso em: 30 nov. 2014.

Bonazzi. Durante a celebração, o Cardeal Ortega fez um agradecimento especial a Fidel Castro por acolher grande parte das ideias de João Paulo II. No livro de condolências Fidel Castro chamou João Paulo de um “amigo inesquecível” e que sua partida causava grande dor. Uma delegação de altos funcionários cubanos foi enviada ao Vaticano no funeral do Papa. Nessa delegação estava presente o presidente da Assembleia Nacional e a chefe do escritório de assuntos religiosos do comitê central do Partido Comunista de Cuba.

4.2 – Bento XVI e Cuba

Com a eleição do Cardeal Joseph Ratzinger, que escolhera o nome de Bento XVI, houve uma grande apreensão sobre como seria sua atuação como o sucessor de Pedro. A fama de homem de ferro e duro doutrinário fez com que surgisse o medo que voltasse a uma Igreja fechada. Mas a realidade se mostrou diferente, Bento XVI surpreendeu a todos com suas atitudes e capacidade de enxergar um mundo além dos muros do Vaticano. No caso específico de Cuba não foi diferente, pois o novo Papa decidiu manter a política do seu antecessor. Dessa forma, a continuação de uma relação de respeito e com diálogo permitiu que no ano de 2012, novamente um Papa pisasse em solo cubano. Nesse mesmo ano da morte, da João Paulo II e eleição de Ratzinger, foi comemorado em Cuba, no mês de novembro, 70 anos de relações diplomáticas entre Cuba e Santa Sé. Fidel Castro recebeu o Núncio da Santa Sé em Cuba Luigi Bonazzi e membros do episcopado cubano em um jantar onde foram destacadas as boas relações que se desenvolviam entre Santa Sé e Cuba e Igreja e governo cubano.

Em julho de 2006, foi a vez de Fidel Castro surpreender o mundo ao declarar que se licenciaria do cargo de comandante para tratar de sua saúde. Fidel concedeu em caráter temporário suas atribuições ao seu irmão Raúl Castro. Mesmo ainda não sendo oficial, Fidel Castro não voltaria mais ao poder e, em 2008 o mandatário que esteve quase cinquenta anos a frente de Cuba, renunciou a todos os seus cargos no governo. Dessa forma, Raúl Castro é oficializado no poder como presidente de Cuba. O governo revolucionário permitiu que fosse publicado no Granma, jornal oficial do Partido Comunista Cubano, uma mensagem dos bispos cubanos em que desejavam um bom governo ao novo presidente e confiavam em Raúl Castro para realizar as mudanças necessárias em Cuba.

No dia 13 de fevereiro de 2008, o Ministro de Relações Exteriores de Cuba, Felipe Pérez Roque concedeu uma coletiva de imprensa para anunciar que o Cardeal Tarcísio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano, faria uma visita a Cuba entre os dias 20 a 26 de fevereiro. O ministro cubano afirmou que a visita de Bertone foi um convite das autoridades

cubanas e da Igreja de Cuba e que essa visita refletia as boas relações que Cuba mantinha com a Santa Sé. Felipe Pères Roque também acrescentou que essa visita se fazia em um momento importante por causa do endurecimento do bloqueio estadunidense a Cuba. O Cardeal Bertone em sua visita a Cuba tratou de assuntos políticos e pastorais.

Durante os dias de sua visita a Cuba, Bertone presenciou um acontecimento de grande importância na ilha, a posse de Raúl Castro como novo mandatário de Cuba. Raúl Castro tomou posse no domingo e, já na terça-feira dia 26 de fevereiro, Bertone foi recebido em audiência pelo novo presidente, sendo o primeiro representante estrangeiro recebido por Raúl Castro. O Secretário de Estado do Vaticano disse acreditar na capacidade de Raúl para conduzir Cuba a um caminho correto. Bertone também ratificou as autoridades cubanas que a Santa Sé se mantinha contra o bloqueio estadunidense e que estava em constante contato com o governo de Washington para que acabasse com tal medida. Bertone também reiterou o compromisso da Santa Sé em ajudar Cuba em sua reinserção internacional⁵⁵. A Santa Sé também mostrou preocupação com os presos políticos⁵⁶.

O encontro de Bertone com Raúl Castro foi amplamente divulgado pela imprensa cubana. Por uma coincidência ou não, o segundo homem mais poderoso do Vaticano estava em Cuba para as comemorações dos dez anos da visita de João Paulo II na época em que se oficializara Raúl Castro no poder. Esse grande espaço que o governo cubano concedeu a mídia para mostrar tal encontro vai mais uma vez ao encontro com a tática de Cuba de legitimar suas políticas através da “benção” dada pela Santa Sé. A visita de Bertone mostrava também mais uma vez o grande prestígio que o Vaticano dispunha, pois foi acertada a libertação de mais presos políticos e a Santa Sé garantiu a estabilização da Igreja em Cuba, colocando-a num lugar de destaque na sociedade cubana. A Igreja se consolida como uma importante ponte entre a população e o governo. O Cardeal Tarcisio Bertone durante sua visita se recusou a encontrar com movimentos opositores do governo, esse é um ponto delicado, pois há acusação por parte de cubanos opositores e exilados que a Santa Sé fecha os olhos para a verdadeira realidade em Cuba a fim de defender seus próprios interesses. A viagem de Bertone a Cuba também é o marco dos inícios das negociações para que houvesse uma nova visita papal a ilha. O Arcebispo de Havana Dom Jaime Ortega falou publicamente

⁵⁵ Tarcisio Bertone. Encuentro con el cuerpo diplomático acreditado en La Habana. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2008/documents/rc_seg-st_20080225_corpo-diplomatico_sp.html>. Acesso em: 30 nov. 2014.

⁵⁶ Tarcisio Bertone. Saludo e Declaración final del Cardenal Tarcisio Bertone al Término de su visita a Cuba. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2008/documents/rc_seg-st_20080226_despedida-cuba_sp.html>. Acesso em: 30 nov. 2014.

que havia feito um pedido formal a Tarcisio Bertone para que Bento XVI realizasse uma visita a Cuba.

A Santa Sé, nos últimos anos, conseguiu consolidar ainda mais sua relação com Cuba, principalmente enfatizando publicamente os feitos do governo revolucionário em que havia convergência, deixando as divergências com críticas mais suaves e não tão visadas. Bento XVI em discurso⁵⁷ a Eduardo Delgado Bermudez, novo embaixador de Cuba a partir de dezembro de 2009, elogiou os feitos da “diplomacia social” de Cuba, alegando a disposição de Cuba de sempre estar disposta a ajudar os mais necessitados. Essa tática já vinha sendo usada desde o papado de João Paulo II. O governo cubano sempre ao falar de sua relação com a Santa Sé faz questão de frisar o ponto de interesse comum entre ambos que é a ajuda aos mais necessitados.

Muitos foram os logros alcançados com o governo cubano, entretanto a Santa Sé ainda trabalha arduamente para conseguir ter de volta o direito de ensino da Igreja Católica em Cuba e livre acesso as mídias. Em seu discurso a Eduardo Delgado, Bento XVI disse o seguinte

Além disso, faço votos para que este clima, que ofereceu à Igreja a possibilidade de dar sua modesta contribuição caritativa, favoreça também a sua participação nos meios de comunicação social e na realização de tarefas educativas complementares, de acordo com a sua missão pastoral e espiritual específica.⁵⁸

A partir do ano de 2010, um dos principais assuntos que entrou na pauta das relações da Santa Sé e Cuba foi a visita de Bento XVI. A visita do pontífice alemão só ocorrera em março de 2012, porém as negociações e convites para que se realizasse uma nova visita papal a Cuba vieram desde o ano em que Ratzinger se tornou Papa em 2005. O primeiro convite enviado a Bento XVI foi através de Tarcisio Bertone em outubro de 2005, na época ainda Arcebispo de Gênova. Bertone declarou que levava um convite de Fidel para que Bento XVI conhecesse Cuba. O cardeal explicou a Fidel que Bento XVI devido a sua idade avançada não viajaria tanto como João Paulo II. No ano seguinte, em 2006, Fidel Castro reinterou seu convite ao cardeal Renato Raffaele Martino, que estava em Cuba para as comemorações do vigésimo aniversário do Encontro Nacional Eclesial Cubano (ENEC). Na época, Fidel Castro

⁵⁷ Bento XVI. Discurso do Papa Bento XVI ao senhor Eduardo Delgado Bermúdez, novo Embaixador da República de Cuba. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2009/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20091210_ambassador-cuba_po.html>. Acesso em: 03 dez. 2014.

⁵⁸ Ibidem.

confirmou publicamente o convite que havia feito ao Papa. Posteriormente, em 2008, quando Bertone, já era Secretário de Estado, esteve em Cuba para as comemorações dos dez anos da visita de João Paulo II, recebeu um novo convite por parte dos bispos cubanos para que o Papa participasse das comemorações dos 400 anos do encontro da Imagem de Padroeira de Cuba.

Tanto o governo de Cuba quanto a Santa Sé gostam de enfatizar as relações diplomáticas ininterruptas que mantêm. Isso se mostrou mais evidente a partir do pós Guerra Fria com o reordenamento geopolítico que levou os dois atores a uma aproximação nunca antes experimentada. No ano de 2010, não seria diferente por causa das comemorações de 75 anos de relações diplomáticas. O governo cubano junto com autoridades eclesiais convidaram autoridades do Vaticano para participarem dessa comemoração. A Santa Sé por sua vez não deixaria passar essa oportunidade que a levaria ganhar ainda mais prestígio junto Cuba. Já para o governo cubano essa data foi mais uma oportunidade de mostrar ao mundo através da janela do Vaticano os seus atos. Esta também seria uma grande oportunidade para levar adiante as negociações da visita de Bento XVI.

O enviado da Santa Sé na ocasião das comemorações dos 75 anos das relações diplomáticas com Cuba foi Dominique Mamberti, Secretário para relações com Estados da Santa Sé. No seu primeiro dia de visita a Cuba, Mamberti se encontrou com o ministro de relações exteriores de Cuba, Bruno Rodríguez. Em suas declarações, Mamberti elogiou Cuba pela sua atuação humanitária no Haiti por conta do terremoto que destruiu o país. Rodríguez por sua vez destacou as ótimas relações com o Vaticano e agradeceu a Dominique pela Santa Sé continuar condenando o bloqueio estadunidense a Cuba. Poucos dias antes de Dominique Mamberti chegar a Cuba mais um preso político cubano foi colocado em liberdade. Dessa vez se tratava de Ariel Sigler, famoso opositor ao governo cubano. A sua liberdade foi negociada pouco tempo antes pelo cardeal Arcebispo de Cuba Jaime Ortega em uma reunião com Raúl Castro.

A viagem de Bento XVI a Cuba foi acertada no final de 2011, quando o Vaticano em novembro anunciou que o Papa desejava fazer uma visita ao México e a Cuba. Logo após o anúncio do Vaticano, o presidente do Parlamento cubano Ricardo Alarcón disse que seria uma honra receber o Sumo Pontífice. A Igreja cubana então tratou de confirmar a visita de Bento XVI a Cuba e que a visita seria em comemoração aos quatrocentos anos do aparecimento da imagem da Padroeira de Cuba. No dia 12 de dezembro de 2011, Bento XVI anunciou

oficialmente que visitaria Cuba em 2012. Uma semana depois do anúncio do Papa, Raúl Castro recebia em seu gabinete Alberto Gasbarri, responsável pela organização das viagens internacionais do Papa. Nesse encontro ficaram acertado todos os detalhes e a data da viagem. Raúl Castro anunciou de forma oficial a viagem de Bento XVI a Cuba no dia 23 de dezembro em seu discurso na Assembleia Nacional. Durante a visita do Papa, o governo cubano decretou feriado do dia 26 a 28 de março. A visita de Bento XVI traria mais um ganho para a Igreja Católica em Cuba, o governo decretou feriado o dia de sexta feira santa.

Confirmada a visita de Bento XVI, vários setores da oposição ao governo cubano começaram a se articular para conseguirem que o Papa intercedesse a favor do movimento. Um grupo de opositores recolheu 750 assinaturas e publicou uma carta a Bento XVI pedindo que ele reconsiderasse sua viagem a Cuba, pois sua presença legitimaria as “atrocidades” cometidas pelo governo cubano. Por sua vez, as damas de branco enviaram uma carta a Bento XVI através da nunciatura em Cuba, relatando os abusos do governo revolucionário. Já no mês de março, faltando poucos dias para a chegada de Bento XVI, um grupo, de 13 opositores, ocupou a Igreja de Nossa Senhora da Caridade em Havana e declararam que não desocupariam o local até conseguirem falar com o Papa. Os opositores permaneceram na Igreja durante três dias. Depois disso as autoridades eclesiais pediram ajuda da polícia para que retirasse os manifestantes do local. Essa atitude foi muito criticada pela oposição do governo que acusou a Igreja de ser conivente e estar do lado dos fortes. Por conseguinte, o Cardeal Ortega rebateu as críticas dizendo que a Igreja não se coloca de um lado em detrimento do outro, mas que não aceitaria que os espaços eclesiais fossem usados como trincheiras políticas. O governo cubano não deixou de agir para garantir que não houvesse nenhum inconveniente durante a estadia de Bento XVI na ilha. Dessa forma, foi executada uma grande operação em que opositores ao governo foram imobilizados através de prisões, cortes de telefone e transferência de uma região para outra.

Para a sua viagem a Cuba, Bento XVI disse que a sua visita seria para reanimar os cubanos na fé⁵⁹. O fato é que mesmo com todos os logros e crescimento da Igreja católica em Cuba, a porcentagem de católicos praticantes em Cuba é muito baixa. Além disso, o catolicismo em Cuba sofre grande concorrência com religiões africanas que se misturaram com o cristianismo. Em sua comitiva da viagem que passou primeiro pelo México, um jornalista perguntou ao Papa o que ele pensava sobre o marxismo, Bento XVI respondeu de

⁵⁹ Estadão. Internacional América Latina. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,cardeal-diz-que-papa-bento-xvi-quer-reviver-a-fe-em-cuba,848328>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

forma sucinta e típica de um intelectual, dizendo que a ideologia marxista já não correspondia mais a realidade atual e isso faz Cuba buscar novos modelos.

No dia 26 de março de 2012, o Papa vindo do México pousou em Santiago de Cuba para uma visita de três dias. Para recepcionar o pontífice, estavam autoridades do governo e eclesiais entre elas o presidente de Cuba, Raúl Castro e o Cardeal Jaime Ortega. Após os protocolos de recepção o presidente Raúl Castro discursou para dar as boas vindas a Bento XVI. Em seu discurso Raúl Castro não deixou de tocar em assuntos que são tão caros para Cuba como o bloqueio dos Estados Unidos. O presidente cubano também disse ao Papa que Cuba estava mudando o que precisava ser mudado com a ajuda do povo. Além disso, Castro destacou os interesses comuns entre Cuba e Santa Sé e destacou a ajuda de Cuba na alfabetização e saúde de países mais necessitados. Por sua vez, Bento XVI se intitulou como “peregrino da caridade” em Cuba e disse que com a visita de João Paulo II houve um renascimento da Igreja em Cuba. Bento XVI também destacou o trabalho da Igreja junto ao governo cubano elogiando a parceria que formaram, mas frisou que muito ainda precisava ser melhorado para que a Igreja pudesse agir livremente em Cuba.

Durante sua estadia em Cuba, Bento XVI realizou somente duas missas, João Paulo II havia realizado quatro. Ao analisarmos seus discursos e homilias em Cuba é perceptível que a visita de Bento XVI a Cuba teve um caráter mais pastoral em contraste com a que havia acontecido quatorze anos antes por João Paulo II, que mostrou uma forte presença política em sua visita. Ao reivindicar algo para a Igreja, Bento XVI limitou-se em sua homilia em Havana em pedir a volta do direito da Igreja no ensino em Cuba. Essa reivindicação se tornou a principal da Santa Sé ao governo cubano. Bento XVI reuniu-se com Raúl Castro no palácio da Revolução onde discutiram temas de interesse comum entre ambos os atores. Porém foi o encontro do Papa com Fidel Castro na Nunciatura em Havana que mais chamou a atenção da comunidade internacional. Em tal reunião, Fidel Castro disse a Bento XVI que acompanhava todos os acontecimentos de sua visita pela televisão e que estava mais interessado nos assuntos da Igreja. Em contrapartida, o Papa explicou a Fidel o porquê de suas viagens mundo a fora. Esse encontro foi muito criticado por opositores do governo que não tiveram seu pedido atendido pelo Papa para um encontro. Guillermo Fariñas, um opositor cubano que ganhou fama por sua greve de fome ao ficar a beira da morte, disse que Bento XVI preferiu abandonar seu rebanho e reunir-se com os lobos. O Vaticano ao se referir ao encontro de Bento XVI e Fidel Castro limitou-se a dizer que foi muito cordial.

Posteriormente, ao seu encontro com Fidel Castro, Bento XVI percorreu as ruas de Havana para saudar pela última vez o povo cubano, seguindo diretamente para o aeroporto internacional José Martí. Em seu discurso de despedida, Bento XVI falou da liberdade necessária em Cuba para cada cidadão e voltou a criticar o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos. Raúl Castro em sua fala agradeceu ao Sumo Pontífice a visita e disse que o principal objetivo de Cuba é a dignidade plena do ser humano. O presidente cubano também declarou que essa dignidade não se constrói só em valores materiais, mas em espirituais. Desde que assumiu a presidência de Cuba, Raúl Castro tem contrariado setores conservadores do PCC com sua política de maior aproximação com a Igreja Católica. Mesmo com duras críticas direcionadas ao Papa em sua visita a Cuba, a oposição logrou vantagens com esse acontecimento, pois o governo cubano liberou quase três mil presos políticos. Isso mostra a grande preocupação da Santa Sé em relação às perseguições políticas em Cuba e os frutos do trabalho de mediação do Cardeal Jaime Ortega.

Desde o primeiro ano da Revolução Cubana, Santa Sé e Cuba precisaram rever suas relações diplomáticas, que passaram a ter grandes desafios a partir de 1959. Essa revisão em suas relações diplomáticas não significou em momento algum o rompimento de suas relações, esse não era o interesse de ambas as partes. Por meio de uma estratégia que precisou de grande cautela e habilidade, Santa Sé conseguiu a manutenção das relações com um Estado que havia se convertido em socialista. O estreitamento diplomático com o fim da Guerra Fria mostrou-se frutífera para ambos, pois a Santa Sé conseguia maior liberdade para a Igreja, e o governo de Cuba contava com o apoio aberto do Papa contra o bloqueio estadunidense. Hoje Santa Sé e Igreja cubana lograram grande respeito junto ao governo revolucionário, o que levou a conseguir o que nenhum outro ator internacional conseguira: a liberdade de presos políticos que se mostra como o principal *outdoor* dessa relação. A Santa Sé vislumbra participar de possíveis mudanças em Cuba, enquanto isso Raúl Castro mesmo promovendo algumas aberturas em Cuba não demonstra a disposição para uma mudança do sistema político na que é a maior ilha das Antilhas.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cuba, mesmo tendo sido colonizada por um país católico, Espanha, não herdou tão profundamente essa característica de sua metrópole. Com a ida de africanos para ilha, por conta do comércio de escravos, houve uma mistura do catolicismo com crenças africanas, que hoje é conhecido na ilha como santeria. Além disso, a relação próxima com os Estados Unidos, inclusive após independência da Espanha, teve como consequência a instalação do protestantismo na ilha.

O clero em Cuba era majoritariamente espanhol, a inexistência de um clero autóctone foi uma das causas principais do desentendimento com o governo revolucionário. De fato, a maioria dos cubanos se autodeclara católica por puro comodismo, pois dessa grande massa autoproclamada católica, havia uma porcentagem pífia que participava dos atos religiosos. A Igreja Católica, por sua vez, em Cuba, conservava certa distância da maioria da população que a Igreja diz ser sua prioridade, os pobres.

Até o ano de 1959, as relações diplomáticas da Santa Sé com Cuba mantinham-se na normalidade, mas sem grandes acontecimentos. Com a vitória da Revolução, a Santa Sé pôde constatar a fragilidade em que se encontrava a Igreja. Essa fragilidade não se mostrava pelas divergências que se criaram entre Igreja e Estado, mas sim por a Igreja representar uma minoria da população cubana que tinha seus interesses atrelados ao antigo governo. Prova disso é o apelo da Igreja para uma resistência a Revolução, porém não houve resposta da maioria da população.

Os caminhos que levaram Cuba a se tornar um país socialista serviram também para desvendar uma Igreja, na sua maioria reacionária. Nesse aspecto, percebe-se um descompasso entre a Igreja de Cuba e a nova política que estava sendo adotada pela Santa Sé. João XXIII adotara uma postura totalmente distinta de seu antecessor Pio XII, pois resolveu trilhar o caminho do diálogo e não do ataque direto ao socialismo, considerado até então pela Igreja Católica seu pior inimigo. Ao analisarmos a posição do clero de Cuba vê-se muito forte a influência que tiveram as diretrizes que Pio XII dera à Igreja Católica. Por outro lado, essa situação de discordância entre Igreja de Cuba e Santa Sé é algo compreensível, isso porque até mesmo dentro da administração da Sede apostólica houve grande resistência à postura do Papa João XXIII que se mostrou algo inédito para a Santa Sé.

Havia de fato certa desconfiança da Igreja Católica em relação aos governos socialistas, principalmente pelo fato que, durante a implantação desses governos na União Soviética, nos restantes países do Leste Europeu e em seguida na República Popular da China, houve certa incompatibilidade entre os partidos comunistas e a Igreja Católica local em estabelecer uma convivência pacífica. As Igrejas locais, de fato, não podiam ainda contar com o apoio da Santa Sé atrelada a uma visão negativa do socialismo herdada do mundo ocidental. Houve em Cuba, o receio de que a mesma incompatibilidade que acontecia no leste europeu pudesse acontecer também na ilha. Porém, nenhum caso é igual ao outro, cada história mostra sua peculiaridade e no caso de Cuba não foi diferente. O líder da Revolução Cubana, Fidel Castro, mesmo tendo declarado que sempre foi marxista-leninista, em muitos aspectos tinha sua própria interpretação sobre o socialismo. Fidel Castro declarou que acredita que o Cristianismo tem muito mais em comum com o socialismo do que com o capitalismo, mas que era preciso recuperar o Cristianismo em sua raiz.

A suposta excomunhão de Fidel Castro, não passou de uma confusão ou armação da parte conservadora da Igreja para envenenar as relações com Cuba. João XXIII talvez tenha entendido que não deveria cometer os mesmos erros de seu antecessor ao lidar com governos socialistas. A Santa Sé passou por um momento muito delicado com a China, a falta de compreensão de Pio XII com a realidade chinesa fez com que o governo chinês proibisse o contato da Igreja Católica da China com o Vaticano. Isso levou a tentativa de estatização da Igreja na China. Esse é até hoje um dos principais desafios do Vaticano. Naturalmente esse temor da experiência chinesa passou para Cuba. Entretanto, o governo revolucionário demonstrou uma postura totalmente diferente ao enviar um novo embaixador a Santa Sé em 1962.

Em um ambiente de constantes mudanças como se configurava Cuba nos primeiros anos da Revolução, a Santa Sé percebeu que precisava de um representante na ilha com um cunho mais político do que religioso. Cesare Zacchi mostrou grande habilidade ao lidar com o governo revolucionário, levando a cabo a Ostipolitik. A atitude da Santa Sé em demorar tantos anos para nomear um núncio em Cuba depois da vitória da Revolução, mostrou suas ressalvas e inseguranças em relação ao governo. Não obstante, a Santa Sé sabia que precisaria primeiro garantir que a Igreja em Cuba sobrevivesse mesmo com escassez de sacerdotes. O Vaticano percebeu o erro ao não ter criado um clero autóctone em Cuba, pois os sacerdotes, que não foram expulsos, se sentiam desestimulados e desejavam deixar Cuba. Os primeiros anos de trabalho da diplomacia pontifícia em Cuba se mostraram de extrema complexidade

não somente por ter que passar a lidar com um governo socialista, mas pelo fato de manter o pouco de sacerdotes na ilha. Agravando ainda essa situação o clero cubano não concordava com as atitudes de Zacchi, acusando-o de conivência com o governo que sempre elogiava sua atuação.

A Santa Sé sabia que seria muito perigoso reivindicar os bens e direitos confiscados da Igreja por causa da Revolução. Isso porque o clero cubano, maioria de origem espanhola, não representava a maioria daquela população. Dessa forma, o que se percebe é que mesmo com a manutenção das relações com Cuba, houve certo distanciamento saudável para se criar espaço para um ressurgimento da Igreja em Cuba. João XXIII e Paulo VI, ao transmitir mensagens a Cuba, procuravam não criticar diretamente. Toda forma de crítica aparecia de forma muito sutil. O trabalho desses dois Papas se concentrou em fazer renascer uma Igreja em Cuba através de seus próprios cidadãos.

A perseguição e discriminação que ocorrera nos anos imediatamente posteriores ao sucesso da Revolução, ocorria mais pelo fato daquela pequena parcela da população representar contrária a Revolução do que por serem católicos de fato. Essa perseguição e discriminação vinham em grande parte do governo, entretanto não se pode isentar a população de grande participação nesse contexto. Uma Revolução que teve a adesão de quase a totalidade da população não precisaria que o governo fizesse uma campanha forte para atingir quem naquelas circunstâncias se mostrava o “ópio” da sociedade.

Não há dúvida de que a religião pode ser, foi e é usada como instrumento de dominação e isso se mostrou claramente em Cuba no período anterior a Revolução com a Igreja Católica cubana totalmente emparelhada com a classe dominante. O fato é que a religião não deve ser considerada em si o problema, mas a forma como ela é usada. Se a religião fosse realmente o problema de fato como então explicaríamos o que aconteceu na Nicarágua e em El Salvador onde o clero denunciou e lutou abertamente ao lado do povo contra o autoritarismo e abusos de poder do governo? Fidel Castro sempre mostrou entender essa questão e sabia que não deveria simplificar algo tão complexo como a religião. Não obstante, Castro sabia que mesmo estando em plena comunhão com o Vaticano, a Igreja cubana não representava a posição da Santa Sé naquela época. Prova disso, é a forma como a diplomacia cubana se dirigia ao Papa, sempre demonstrando grande respeito e fazendo questão de frisar a sua grande importância no cenário mundial.

Na nova fase que se instalou com o êxito da Revolução, Santa Sé e Cuba procuraram obter um *modus vivendi* que possibilitassem a manutenção de suas relações e que futuros interesses de ambas as partes não fosse comprometido. Por conseguinte, decidiram não sobrelevar suas divergências, mas sim o que se poderia ter de interesse comum e neste meio achar um campo para o diálogo. O socialismo cubano não era e nem é considerado pela Santa Sé um sistema político desejável, mas a verdade que ele se mostrou mais maleável e aberto ao diálogo com a Sede Apostólica. Esse ambiente possibilitou a Santa Sé, em uma primeira fase que se estendeu até o fim da Guerra Fria, a reconstrução de uma Igreja que realmente pudesse se enraizar em Cuba com pessoas cubanas, formando um clero autóctone e que estava apto para entender a realidade cubana. O ENEC mostrava esse sopro de renovação da Igreja e sua vontade de buscar uma reconciliação com o governo.

O Papa João Paulo II ficou conhecido como um dos grandes responsáveis pela queda do socialismo do Leste Europeu. No caso de Cuba, João Paulo II sabia que não poderia agir da mesma forma como fazia além da cortina de ferro. O próprio Papa chegou a declarar que Cuba era uma realidade diferente. Quando convidado para fazer uma escala em Cuba para conhecer o país, na sua volta de Puebla em 1979, João Paulo II sabia que ainda não era hora de sua visita a Cuba. O momento era complexo, João Paulo II atacava abertamente o socialismo e, além disso, havia selado uma aliança com Ronald Reagan na luta contra aquele sistema político. Uma escala em Cuba naquela época não parecia conveniente pela grande ambiguidade que poderia transparecer e pelo descontentamento que causaria nos Estados Unidos. O Papa também acreditava que a Igreja em Cuba precisaria estar mais madura e estabilizada para a visita de um Papa. Em contrapartida, o Papa também sabia que não era conveniente aceitar o convite dos cubanos em Miami para escala, pois isso poderia afetar as relações com Cuba. A escolha das Bahamas mostrava o desejo de João Paulo II em não se indispor com nenhuma das partes.

A queda do Muro de Berlim em 1989 marcou o fim da Guerra Fria e desmantelamento da União Soviética. O mundo inteiro assistia a queda de regimes socialistas, a expectativa de que Cuba caísse também era grande. A Santa Sé logo tratou de enviar um representante a Cuba que se reuniu com Fidel Castro para discutir as mudanças que estavam ocorrendo na época. O Vaticano desejava participar ativamente de uma possível mudança em Cuba, no entanto, Cuba surpreendeu a todos com a manutenção do governo. Mesmo mantendo-se em pé, a década de 1990 não se mostrou fácil para Cuba. A reforma constitucional de 1992 mostrava o esforço de Cuba em não ceder às pressões que se faziam cada vez mais forte,

principalmente por parte dos Estados Unidos que usou de oportunismo para aprovar leis que endureciam ainda mais o bloqueio contra Cuba.

Nesse cenário de reordenamento político, a Santa Sé também precisou rever os novos ditames de sua diplomacia. A parceria com os Estados Unidos enfraquecera e já não havia mais a ameaça do leste. João Paulo II esperava uma nova sociedade baseada nos preceitos cristãos mais arraigados, entretanto o que o Papa viu foi um mundo cada vez mais secularizado e o neoliberalismo que pesava sobre os mais necessitados. O “capitalismo selvagem” passou a ser o principal alvo de críticas do Papa no pós Guerra Fria. O reordenamento geopolítico advindo do fim da Guerra Fria levou Cuba e Santa Sé a estreitarem suas relações, ambos possuíam interesses distintos, mas não divergentes. Os contatos da Santa Sé com o governo cubano passam a ser mais frequentes e diretos.

O interesse de Cuba de se aproximar da Santa Sé, mostrava que a crise que Cuba passava com o desmantelamento da União Soviética ia muito além da questão financeira, a crise se mostrava também de legitimidade. A Santa Sé, por ser uma autoridade moral e sem amarras políticas com qualquer Estado, possui um grande respeito dos países, que muitas vezes a buscam como autoridade legitimadora. No caso de Cuba não se mostrou diferente, o governo cubano saiu enfraquecido e desacreditado do fim da Guerra Fria, e mesmo com as reformas constitucionais de 1992 a captação de recursos para ilha se mostrava insuficiente. A busca da legitimação da Santa Sé para determinado assunto não é algo particular de países com algum tipo de dificuldades. Os Estados Unidos, país majoritariamente protestante e maior potência militar e econômica do planeta, muitas vezes busca a “benção” da Santa Sé para legitimar suas ações. Questões como essas mostram a grande importância da Santa Sé e seu poder de se fazer ouvir. Com seu caráter transnacional, representando mais de um bilhão de pessoas no globo e com o grande desenvolvimento da mídia como na internet, faz com que se potencialize a voz do Papa nas mais diferentes sociedades.

O ano de 1996 pode ser considerado como o que selou os novos rumos da relação entre Santa Sé e Cuba. O Papa pela primeira vez resolveu condenar o bloqueio estadunidense contra Cuba. A voz do Papa, em favor de Cuba, abriu caminhos para que outros países questionassem publicamente contra a medida do governo americano, houve inclusive protestos de empresas americanas que se sentiam prejudicadas. Já em novembro de 1996, depois de cumprir agenda na cúpula da FAO em Roma, Fidel Castro surpreendeu o mundo ao fazer uma visita a João Paulo II. O encontro demorado entre Fidel e o Papa mostrou que havia

muitos interesses a serem discutidos entre os dois. Com essa visita João Paulo II percebeu que o momento propício para sua ida a Cuba se aproximara ao passo que aceitou de imediato o convite de Fidel para visitar a ilha.

A restituição do feriado natalino, que havia sido retirado segundo o governo cubano por questões econômicas, a pedido de João Paulo II, pouco tempo antes de sua viagem, mostrou o grande prestígio do Papa para com o governo cubano. O grande alarde midiático que Fidel Castro fez dias antes da chegada de João Paulo II parecia como a grande cartada de Fidel, onde ele depositava todas as suas esperanças nos benefícios que isso poderia trazer. Como de outra forma justificar horas de programação televisiva enaltecendo João Paulo II, convidando todos os cubanos para segui-lo em suas missas em um país que durante tantos anos se considerava ateu e passava isso para seus cidadãos? Talvez se poderia dizer que ainda houvesse em Fidel resquícios de seus anos em escolas católicas, mas esse não seria o caso, Fidel já havia declarado uma vez que nunca conseguiu desenvolver uma fé religiosa. A realidade é que Fidel buscava salvar a Revolução e a presença do Papa por mais controverso que isso pudesse parecer poderia fortalecer um governo socialista fragilizado e com pouca credibilidade no cenário mundial.

A visita de João Paulo II a Cuba, trouxe um sopro de renascimento para a Igreja cubana, a partir de então a Igreja consegue exercer com um pouco mais de liberdade sua missão. Não obstante, o caráter político da ida de João Paulo II a Cuba era algo muito forte. A frase de efeito do Papa “que Cuba se abra ao mundo e que o mundo se abra a Cuba” mostrou a conotação política dessa visita. Maltary (2001, p. 21) coloca que o Papa não conseguiu que grandes mudanças políticas acontecessem em Cuba, mas que a ilha passou a se inserir da agenda internacional de uma nova maneira. Como esperado por Fidel, Cuba vista através da janela do Vaticano conseguiu mais credibilidade. Canadá e Noruega começaram a discutir com Cuba sobre direitos humanos, novas portas comerciais se abriram para Cuba e mais investimentos se direcionaram para a ilha. “O impacto da visita papal a Cuba não foi revolucionário, mas evolutivo⁶⁰” (MALTARY, 2001, p. 21).

O episódio da “Primavera negra” em Cuba não abalou a confiança do Papa em Fidel que ao ser questionado desaprovou a forma como o governo agia, mas disse confiar no líder cubano na resolução do caso. Quando da morte de João Paulo II a rápida reação do governo cubano e do próprio Fidel demonstrou a grande estima pelo Papa. As mudanças não

⁶⁰ The impact of papal visit to Cuba has not been revolutionary, but evolutionary.

demoraram a acontecer em Cuba quando no ano de 2006, Fidel transferiu temporariamente ao seu irmão, a função de presidente. Fidel não voltou mais ao cargo e Raúl Castro em 2008 assumiu oficialmente a presidência de Cuba. Ao receber Tarcísio Bertone, Secretário de Estado da Santa Sé e primeiro representante estrangeiro, Raúl Castro mostrou que seguiria os passos do irmão em manter a Santa Sé como um aliado especial. Bento XVI também seguiu o caminho de João Paulo II na diplomacia com Cuba.

A Santa Sé conseguiu colocar a Igreja em Cuba em uma posição sem precedentes. A que era o principal foco de resistência a Revolução, se tornou no principal interlocutor do governo. A Santa Sé tem recebido muitas críticas de opositores do governo cubano por causa da recusa dos Papas João Paulo II e Bento XVI e membros da Secretaria de Estado do Vaticano em se encontrar com representantes opositoristas. Todavia, isso não demonstra preterimento do Vaticano, uma vez que para poder ter liberdade de ação em um país, é preciso antes de qualquer coisa manter boas relações com o governo. Não seria lógico por parte da Santa Sé colocar em risco tantos anos de trabalho na reconstrução da imagem da Igreja em Cuba e as boas relações com o governo. A Santa Sé junto com a Igreja em Cuba tem conseguido algo que nenhuma outra instituição havia conseguido: a libertação de milhares de presos políticos, muitos desses do episódio da Primavera negra. Com Raúl Castro, as ótimas relações com a Santa Sé se mantêm. Há por parte do governo a intenção de devolver imóveis confiscados da Igreja na época da Revolução. O maior desafio agora é o direito ao ensino e a mídia que é tão pedido pelo Papa. A visita de Bento XVI a Cuba teve um caráter mais pastoral, ligada principalmente às comemorações de 400 da aparição da imagem da Virgem da Caridade de Cobre, Padroeira de Cuba. Ao receber Bento XVI Raúl Castro mandou sua mensagem ao mundo de que mesmo com as aberturas que vinham ocorrendo em Cuba, o sistema político não mudaria.

Raúl Castro tem promovido importantes mudanças em Cuba, há uma abertura do país, mas de forma controlada já que o irmão de Fidel não demonstrou em nenhum momento uma predisposição a uma mudança política no país. A Santa Sé ao estar tão próxima de Cuba deseja participar de todas as mudanças que possam vir a ocorrer na ilha. Raúl Castro já é um homem de idade avançada, então o que se deve esperar pós-época dos irmãos Castro? Essa indagação não vem com uma conotação maniqueísta para mostrar que provavelmente haverá uma mudança abrupta em Cuba, mas o que é de propósito mostrar é que por mais de 55 anos os irmãos Castros lideraram a Revolução. É natural que várias hipóteses se levantem para tentar saber de como será Cuba sem os Castros na política. São nessas indagações e incertezas

que a Santa Sé trabalha em Cuba, pois nos primeiros anos da Revolução, uma grande mudança em Cuba, a Igreja se mostrou totalmente antiquada, uma instituição que não representava o povo em sua maioria e que não se adaptou a nova realidade do país. Hoje, mesmo Cuba ainda não sendo um país majoritariamente católico, a Santa Sé conseguiu transformar a Igreja em algo legítimo na ilha, uma instituição que está mais perto das pessoas e que as representam.

A partir de tudo que foi exposto, a hipótese trazida se confirma, a Santa Sé mesmo nos primeiros anos da Revolução recebendo sinais do governo revolucionário de que as relações seriam mantidas, não poderia ter certeza da sobrevivência da Igreja em Cuba por sua postura extremamente reacionária ao novo governo. Além disso, a Igreja em Cuba não estava intimamente ligada a população cubana e sim a um grupo muito específico daquela sociedade. Mesmo o governo de Cuba alegando não ter interesse em acabar com a religião no país, houve medidas como a expulsão de parte do clero ilha, que colocou a Igreja em uma situação quase inoperante em Cuba. Tudo isso somado ao fato de Cuba não possuir um clero autóctone, colocava em dúvida a sobrevivência católica na ilha, uma vez que muitos dos sacerdotes que permaneceram em Cuba encontravam-se desanimados e com desejo de abandonar a ilha. Nesse contexto, a Santa Sé se esforçou para criar um clero autóctone em Cuba e que fosse verdadeiro representante da sociedade cubana. Por outro lado Cuba sempre reconheceu a importância da Santa Sé como ator internacional e o êxito da Revolução no país trouxe grande complexidade nas relações diplomáticas com países no ocidente, principalmente no continente americano. Essa complexidade e tensão advieram do ambiente da época determinado pela Guerra Fria. Dessa forma, ao ser declarado um país socialista, Cuba afetou sua Política Externa e, mesmo não sendo de sua vontade, houve um grande isolamento diplomático, principalmente na América, onde com raras exceções como o México, Cuba rompeu relações diplomáticas com quase todos os países. Essa situação se agravou ainda mais quando Cuba foi expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1962. Tudo isso obrigou Cuba a se aproximar cada vez mais do bloco soviético e desenvolver uma política externa ativista que teve presença na América, mas seu grande expoente foi no continente africano, buscando apoiar governos simpatizantes. A pressão norte americana que usava sua força para impedir que outros países se aproximassem de Cuba, o bloqueio dos Estados Unidos que agravava ainda mais a situação e a emergência de governos autoritários na América Latina que eram contrários a Revolução Cubana.

Com o fim da Guerra Fria Cuba já se encontrava em retomada de relações diplomáticas com países do bloco capitalista. Durante a década de 1990, Cuba conseguiu retomar relações com quase todos os países da América Latina, mas isso ainda não era suficiente para Cuba vencer o isolamento em uma nova ordem mundial em principio hegemonizada pelos Estados Unidos. As transformações já citadas aqui levaram a Cuba a se reinserir no cenário internacional. Isso, somado a um conjunto de fatores entre eles a perseverança e astúcia do governo Revolucionário, levaram a manutenção do Regime. Todavia, não há como não dar um lugar especial a Santa Sé nesse contexto que ajudou Cuba a superar seu isolamento e com a frase de efeito de João Paulo II: “Que Cuba se abra ao mundo e o mundo se abra a Cuba”, possibilitou Cuba a mostrar para o mundo que a Revolução não acabara e que estava perfeitamente pronta a se adaptar as mudanças do novo mundo.

As relações entre Santa Sé e Cuba passaram por grandes desafios com o êxito da Revolução, mas em nenhum momento houve conflitos abertos entre ambos. Cuba desde o começo se mostrou um caso único, pois seu líder Fidel Castro, mesmo declarando ser marxista leninista, em nenhum momento se mostrou hostil ou desmereceu a missão da Santa Sé, mesmo com os conflitos com a Igreja cubana. Além disso, Cuba único país socialista que não rompeu relações com a Santa Sé, as mesmas que completarão 80 anos em 2015 e que sem dúvida ambos os governos farão questão de comemorar. Por toda a sua especificidade, a Santa Sé também escolheu uma forma diferente para lidar com Cuba, a *Ostipolitik* e tolerância de João XXIII perpassou em todos os Papas até agora, até mesmo por João Paulo II que agiu de forma a combater o socialismo do leste europeu, mais precisamente de seu país, a Polônia. Essa relação que ambos os governos fazem questão de frisar que sempre foi baseada no respeito, mostra a visão de longo prazo de ambos a fim de conservar seus interesses em um elo que pode trazer grandes vantagens para ambos.

6- REFERÊNCIAS

ALONSO, Aurelio. **Fe Católica y Revolución en Cuba: Contradicciones y entendimiento**. P. 93-109. 1990.

ARENDT, Hannah. **Da Revolução**. Tradução Fernando Dídimo Vieira. Brasília: UNB, 1988.

ARREOLA, Gerardo. **El Vaticano há pedido a EU el cese del bloqueo a Cuba**. Havana, 2008. Disponível em:
<<http://www.jornada.unam.mx/2008/02/27/index.php?section=mundo&article=028n1mun>>.
Acesso em: 15 set. 2014.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004. II. – (Coleção Revoluções do século XX)

BAÉZ, Luis. Fidel em Roma emocionado con el Papa. **CubaDebate**, Havana, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/opinion/2005/04/09/fidel-en-roma-emocionado-con-el-papa/#.U0v1a1ezKLF>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

BARBATO, Mariano. **Papal Diplomacy: The Holy See in World Politics**. University of Passau, 2012. Disponível em: <<http://ecpr.eu/filestore/paperproposal/fed2e6bd-d8de-46de-870b-37ac349fa06b.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

BETTO, Frei. **Fidel e a Religião**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política**. A filosofia política e as lições dos clássicos; organizado por Michelangelo Bovero; tradução Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: UNB, 1998.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. São Paulo: Malheiros Editores, 2009.

BONAVIDES, Paulo. **Teoria Geral do Estado**. São Paulo: Malheiros Editores, 2012.

CAPOTE, Salvador. **Cuba and U.S-Vatican relations**. America Latina en movimiento. 2012. Disponível em: <<http://alainet.org/active/54055&lang=es>>. Acesso em: 15 jun.2014.

CARDINALE, Gianni. **La Isla no está hecha para el aislamiento**. Havana, 2003. Disponível em: <http://www.30giorni.it/articoli_id_613_12.htm>. Acesso em 01 out. 2014.

CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a nova ordem mundial**. A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias. Brasília: FUNAG, 2012.

CNN. **Cuba recibe al Papa tras una relación histórica compleja con la Iglesia**. CNN Mexico, 2012. Disponível em: <<http://mexico.cnn.com/mundo/2012/03/26/cuba-recibe-al-papa-tras-una-relacion-historica-compleja-con-la-iglesia>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

CRAHAN, Margaret E. **Salvation through Christ or Marx: Religion in Revolutionary Cuba**. Journal of Interamerican Studies and World Affairs, Vol 21. University of Miami, 1979. Disponível em: <<http://www.utm.utoronto.ca/~w3his490/A-Crahan-Christ.or.Marx.Cuba.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CRESPO, Ramón Torreira. **El impacto en la Iglesia Católica de la primera oleada migratoria cubana**. 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/50T13.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2014.

CUBAENCUENTRO. **El Vaticano refuerza dialogo con gobierno de Cuba**. 2010. Disponível em: <<http://www.cubaencuentro.com/internacional/noticias/el-vaticano-refuerza-dialogo-con-gobierno-de-cuba-239165>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

CUBAMINREX. **Condecorado el Embajador cubano acreditado ante La Santa Sede**. 2012. Disponível em: <<http://www.cubaminrex.cu/es/condecorado-el-embajador-cubano-acreditado-ante-la-santa-sede>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

CUBAMINREX. **Conferencia de prensa concedida por Felipe Pérez Roque, Ministro de Relaciones Exteriores de Cuba.** 2008. Disponível em: <<http://www.cubaminrex.cu/es/conferencia-de-prensa-concedida-por-felipe-perez-roque-ministro-de-relaciones-exteriores-de-cuba-1-1>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

CUBAVERDAD. **Fidel Castro confirmo invitacion a Benedicto XVI para visitar Cuba.** 2006. Disponível em: <<http://cubadata.blogspot.com.br/2006/02/fidel-castro-confirmo-invitation.html>>. Acesso em 20 nov. 2014.

DARLING, Juanita. **Cuba, Vatican have faith in improving Relations.** Los Angeles Times, Havana, 1996. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1996-12-01/news/mn-4766_1_church-state-relations>. Acesso em: 20 out. 2014.

EL CONFIDENCIAL. **El Papa “abandono a su rebaño” en Cuba “y preferió reunirse con los lobos”.** 2012. Disponível em: <<http://www.elconfidencial.com/mundo/2012/03/31/el-papa-abandono-a-su-rebano-en-cuba-y-prefirio-reunirse-con-los-lobos-95356>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

EL PAIS. **Raúl Castro recibe al secretario de Estado del Vaticano en su primer acto como presidente.** Madrid, 2008. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2008/02/27/actualidad/1204066803_850215.html>. Acesso em 10 set. 2014.

EL UNIVERSO. **Fidel Castro desea invitar al Papa a Cuba, revelo el Cardenal Bertone.** Roma, 2005. Disponível em: <<http://www.eluniverso.com/2005/12/20/0001/14/F0173E6DD03C491DA78D02210CCA4E0B.html>>. Acesso em: 15 out. 2014.

FERNÁNDEZ, Alexis Pestano. Iglesia Católica y Revolución cubana. **Espacio Laical,** Havana, 2007. Disponível em: <<http://www.espaciolaical.org/contens/10/5559.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

FLATELY, Tighe P. **The Convenient Alliance: President Reagan and Pope John Paul II, Cold Warriors.** Senior Honors Projects. University of Rhode Island, 2007.

FOURIER, Charles. **El Falansterio.** Biblioteca virtual Antorcha, 2006. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/8cxvmk7fms070us/Fourier.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

GAGLIARDUCCI, Andrea. **After the Castro's Interview with the Pope, What Will be the future of Cuba?**. Monday vatican, 2012. Disponível em: < <http://www.mondayvatican.com/holy-see/after-the-castros-interview-with-the-pope-what-will-be-the-future-of-cuba>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

GAGLIARDI, Angelo. **Cuba-Santa Sede: Relaciones sin rupturas**. Revista Vitral, Cuba, 2001. Disponível em: < <http://www.vitral.org/vitral/vitral45/ecles.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

GARCÍA, Delia Contreras. Iglesia Católica y Estado en la República de Cuba: Pasado y Presente de sus Relaciones. **América Latina Hoy**, Salamanca, p.177-195, 2013.

GODOY, Percy Francisco Alvarado. **La Iglesia en el punto de mira a ataques anticubanos**. America Latina en movimiento, 2012. Disponível em: < <http://alainet.org/active/53509&lang=es>>. Acesso em: 10 set. 2014.

GONZALEZ, Servando. **Why does the Vatican Love Castro?**. 2012. Disponível em: < http://www.intelinet.org/sg_site/articles/sg_vatican_castro.html>. Acesso em: 10 nov. 2014.

GONZÁLEZ, Ángel Tomás. **El Papa de Fidel y el Papa de Raúl Castro**. El Mundo, Havana, 2012. Disponível em: < <http://www.elmundo.es/america/2012/03/23/cuba/1332533984.html>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

KENASTON, Connor. **Reds, Rosaries, and Revolutionary Governments**. Church-State Relations in Cuba and Nicaragua in the aftermath of Revolution. The Yale Historical Review, 2013. Disponível em: < <http://www.yale.edu/yalehistoricalreview/Spring%202013/YHR%20Spring%202013%20Web.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 2010.

LINARD, André. **Guarded rapprochement between Rome and Havana**. Le monde Diplomatique, 1998. Disponível em: < <http://mondediplo.com/1998/01/02habana>>. Acesso em: 01 out. 2014.

LOWY, Michael. **Marx e Engels como sociólogos da Religião**. Lua Nova. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451998000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 nov. 2014.

MARX, Karl. **O Capital**. Tradução e condensação de Gabriel Deville. Bauru: Edipro, 3. ed., 2. reimp. 2013.

MARX, Karl; ENGELS, FRIEDRICH. **Manifesto comunista**. 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MATLARY, Janne Haland. **The Just Peace: The Public and Classical Diplomacy of the Holy See**. Cambridge Review of International Affairs. Cambridge, 2001.

MCNICHOL, Hugh. **Cuba, The Catholic Church, and the Gospel**. Havana, 2008. Disponível em: <http://www.pewstetter.com/view_news_id_6508.php>. Acesso em: 01 nov. 2014.

MINAYEV, L. **Origens e princípios do socialismo científico**. Tradução Daniel Campos. São Paulo: Argumentos, 1967.

PEDRAZA, Silvia. The impact of Pope John Paul II's visit to Cuba. **Association for the Study of the Cuban Economy- ASCE**, Washington DC, p.482-485, 1998. Disponível em: <<http://www.ascecuba.org/publications/proceedings/volume8/pdfs/48pedraza.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

PEDRAZA, Silvia. Church and State in Cuba's Revolution. **Cuban Research Institute, Florida International University's**, Lansing, mai. 2009.

PIÑA, Jorge. **Castro y el Papa frente a frente, por primera vez**. IPS, Roma, 1996. Disponível em: <<http://www.ipsnoticias.net/1996/11/cubavaticano-castro-y-el-papa-frente-a-frente-por-primera-vez/>>. Acesso em: 10 out. 2014.

OPEAL. **Benedicto XVI visitará Cuba**. Instituto de Ciencia Política Hernán Echavarría Olózaga, 2012. Disponível em: <http://www.opeal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=452:benedicto-xvi-visitara-cuba&catid=100&Itemid=216>. Acesso em: 20 nov. 2014.

RADIO VATICANO. **Cartas credenciales del nuevo Embajador de Cuba ante La Santa Sede.** 2005. Disponível em: <
http://es.radiovaticana.va/storico/2005/01/08/cartas_credenciales_del_nuevo_embajador_de_cuba_ante_la_santa_sede/spa-25281>. Acesso em: 20 out. 2014.

RAVSBERG, Fernando. **La ambigua relación entre el Vaticano y Cuba.** BBC, Havana, 2012. Disponível em:
 <http://www.bbc.co.uk/mundo/noticias/2012/03/120319_america_latina_iglesia_estado_aa.shtml>. Disponível em: 10 dez. 2014.

REESE, Thomas J. **O Vaticano por dentro: a política e a organização da Igreja Católica.** Tradução Magda Lopes. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SANTORO, Maurício. **Cuba após a Guerra Fria:** mudanças econômicas, nova agenda diplomática e o limitado diálogo com os EUA. Revista Brasileira de Política Internacional, 2010.

SILVA, Marcos Antonio da; JOHNSON, Guillermo A. **Cuba e América Latina no Pós Guerra Fria:** inserção regional e Diplomacia Social. Revista do Programa de Pós-Graduação em ciências da UFRN. 2010.

STUMMVOLL, Alexander. **A Revolutionary Pope?.** Canadian International Council, 2014. Disponível em: <<http://opencanada.org/features/the-think-tank/essays/a-revolutionary-pope/>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

TEMPEST, Rone. **Pope meets with Castro, Agrees to a Cuba Visit.** Los Angeles Times, Roma, 1996. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1996-11-20/news/mn-995_1_fidel-castro>. Acesso em: 20 out. 2014.

TOMÉ, Romina Alexandra Sim-Sim. **A Diplomacia da Santa Sé: evolução e questões actuais.** Évora, 2013.

TRETO, Raul Gomez. **A Igreja e o Socialismo.** Tradução Eugenia Flavian. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ZENIT. **70 años de relaciones Cuba-Santa Sede, analizados por el embajador en el Vaticano.** Cidade do Vaticano, 2005. Disponível em: <<http://www.zenit.org/es/articles/70-anos-de-relaciones-cuba-santa-sede-analizados-por-el-embajador-en-el-vaticano>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

ZIZOLA, Giancarlo. **The Vatican's new weapons.** Le Monde diplomatique. 1998. Disponível em: <<http://mondediplo.com/1998/01/01vatican>>. Acesso em: 15 jun. 2014.